

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA  
NÍVEL MESTRADO**

**ANA ISABEL ELTZ DORNELLES**

**“MAS NUNCA ME ESQUEÇO”:  
A face feminina da Doença de Alzheimer**

**São Leopoldo**

**2024**

ANA ISABEL ELTZ DORNELLES

**“MAS NUNCA ME ESQUEÇO”:  
A face feminina da Doença de Alzheimer**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientador: Prof. Dr. Caio César Costa Ribeiro Mira

São Leopoldo

2024

D713m Dornelles, Ana Isabel Eltz.  
“Mas nunca me esqueço” : a face feminina da Doença de Alzheimer / Ana Isabel Eltz Dornelles. – 2024.  
98 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2024.

“Orientador(a): Prof. Dr. Caio César Costa Ribeiro Mira”.

1. Alzheimer, Doença de. 2. Narrativas. 3. Mulheres.  
4. Identidade. I. Título.

CDU 801

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Bibliotecária: Amanda Schuster – CRB 10/2517)

**ANA ISABEL ELTZ DORNELLES**

**““MAS NUNCA ME ESQUEÇO”: A FACE FEMININA DA DOENÇA  
DE ALZHEIMER”**

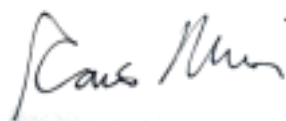
Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

**APROVADA EM 23 DE FEVEREIRO DE 2024**

**BANCA EXAMINADORA**

**PROFA. DRA. LETICIA FONSECA RICHTHOFEN DE FREITAS -  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL)  
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROFA. DRA. CATIA DE AZEVEDO FRONZA - UNIVERSIDADE DO VALE  
DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)  
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**



**PROF. DR. CAIO CÉSAR COSTA RIBEIRO MIRA – UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)  
ORIENTADOR  
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

## **AGRADECIMENTO À CAPES**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Dedico este trabalho a todas as mulheres cujas narrativas constituem o mundo em que vivemos.

## AGRADECIMENTOS

Durante dois anos, passei por muitos desafios em minha vida pessoal e acadêmica. Sem o apoio das pessoas ao meu redor, nunca teria conseguido concluir este Mestrado, que me transformou de muitas maneiras.

Agradeço, primeiramente, à minha família, que tanto apoiou meus estudos. Vó, obrigada por todas as roupas lavadas, almoços, cafés e orações. Sem teus atos de amor, eu jamais conseguiria enfrentar os percalços pelos quais passamos juntas. Mãe, também te agradeço pelo apoio, por sempre acreditares na minha capacidade e potencial. Obrigada por me apresentares o mundo dos livros, tu foste essencial nessa caminhada! Dinda Vó, obrigada por todo o carinho e amor! Tu és muito especial para mim, e sempre me lembrarei de todos os livros que me deste! Vô, obrigada por todas as risadas, gambiarras, acampamentos e passeios. Carrego nossas histórias para sempre comigo!

Agradeço a todas as professoras e professores que me ensinaram TANTO durante minha jornada acadêmica. Em especial, destaco meu orientador, Caio Mira, que, ao longo de seis anos, apresentou-me o mundo da pesquisa. Teus conselhos e orientações me fizeram crescer enquanto pesquisadora. Obrigada por insistires para que eu sempre desse meu melhor.

Agradeço às famílias das participantes desta pesquisa, por me acolherem e compartilharem suas vidas comigo! Sem vocês, a pesquisa não existiria.

À minha psicóloga, Bruna, agradeço pelas palavras sinceras e por todo o acolhimento! Poder dividir angústias e pensar em soluções foi essencial na minha caminhada.

Não poderia deixar de agradecer às minhas amigas mais próximas. Mari, obrigada por, mesmo de longe, sempre te fazeres presente. Tu és uma pessoa iluminada! Gabi, obrigada por sempre leres e releres meus trabalhos. Que sorte a minha ter te conhecido logo no início da Graduação! É um prazer compartilhar a vida e a profissão contigo! Bru, não tenho nem palavras para descrever o quanto tu és especial para mim. Obrigada por tudo e por tanto!

Agradeço, por fim, ao meu gato, Tobias, meu companheiro em todos os momentos e apoio incondicional. Obrigada por estares na minha vida e por todos os colos, risadas e carinhos! Te amo muito!

“No fim tu hás de ver que as coisas mais leves são as únicas que o vento não conseguiu levar” (Quintana, 1997, p. 156).



## RESUMO

Causada pelo acúmulo da proteína beta-amiloide e pela presença da proteína tau, a Doença de Alzheimer (doravante DA) gera a morte de neurônios e a perda de sinapses nervosas que desencadeiam sintomas os quais afetam não só o indivíduo acometido como as pessoas ao seu redor e, em nível macro, a sociedade. Diante do cenário de envelhecimento populacional, a preocupação a respeito dessa patologia neurodegenerativa tem ganhado destaque em diferentes áreas. Porém, frequentemente, as pesquisas desenvolvidas no contexto da DA ainda sem causa e cura identificadas (McDade; Bateman, 2017) reforçam um estereótipo limitante e homogeneizador. Aspectos como gênero e trajetória de vida são apagados, e enfatizam-se os déficits que a doença causa. Nesse cenário, a presente pesquisa tem como objetivo *compreender como ocorre a construção de identidades em narrativas de mulheres com a DA em interações*. Este trabalho insere-se no campo da Linguística Aplicada e é de cunho qualitativo interpretativista. Os dados foram gerados em entrevistas abertas, compreendidas como eventos discursivos de coconstrução de sentido entre os interlocutores (Mishler, 1986), com três participantes, seguindo a abordagem de pesquisa narrativa. O arcabouço teórico-metodológico empregado para a análise das entrevistas é constituído pelas dimensões da narrativa de Ochs e Capps (2001) e pelos níveis de posicionamento discursivo de Bamberg (1997). Os resultados evidenciam que as participantes, apesar das dificuldades causadas pela DA, conseguiram manter-se ativas nas interações. Por meio das narrativas, construíram suas identidades marcadas por posicionamentos morais diante de discursos recorrentes na sociedade em que estão inseridas.

**Palavras-chave:** Doença de Alzheimer; narrativas; mulheres; identidade.

## ABSTRACT

Caused by the accumulation of the beta-amyloid protein and the presence of the tau protein, the Alzheimer's Disease (henceforth AD) generates the neuron's death and the nerve synapse's loss which trigger symptoms that affect not only the individual with the disease but also the people around and, at a macrolevel, the society. Given the scenario of population aging, the concern regarding this neurodegenerative pathology has been gaining emphasis in different areas. However, frequently, the researchers developed in the AD's context still without cause and cure identified (McDade; Bateman, 2017) reinforce a limiting and homogenizer stereotype. Aspects as gender and life history are erased and the deficits caused by the disease are highlighted. In this scenario, the present research aims to understand how the construction of identities occurs in narratives of women with AD in interactions. This work falls within the field of Applied Linguistics and has a qualitative interpretive nature. Data were generated in open interviews, comprehended as discursive events of meaning's co-construction between the interlocutors (Mishler, 1986) with three participants following the narrative research approach. The theoretical methodological framework applied to analyze the interviews is constituted by the dimensions of narrative from Ochs and Capps (2001) and by the levels of discursive positioning from Bamberg (1997). The results show that the participants, despite the difficulties caused by the AD, managed to remain active during the interactions. Through narratives, they constructed their identities marked by moral positionings towards recurrent speeches in the society they are inserted.

**Keywords:** Alzheimer's Disease; narratives; women; identity.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pirâmide etária do Brasil .....	22
Figura 2 – Prognósticos da demência globalmente.....	25
Figura 3 – Modelo de narrativas de Labov .....	33
Figura 4 – Táticas de intersubjetividade .....	46
Figura 5 – Elementos da construção identitária .....	48
Figura 6 – 5 princípios da construção identitária .....	50
Figura 7 – Níveis de interpretação da entrevista narrativa .....	55

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dimensões da narrativa.....	39
Quadro 2 – Etapas metodológicas para análise dos níveis de posicionamento.....	51
Quadro 3 – Participantes.....	61
Quadro 4 – Síntese das análises .....	88

## LISTA DE EXCERTOS

Excerto 1 – “Porque na semana ela trabalha” .....	63
Excerto 2 – “Eu não quis ir pra escola e não fui” .....	64
Excerto 3 – “Aprendi e eu procuro” .....	65
Excerto 4 – “Ela dizia as carça” .....	66
Excerto 5 – “Então é procurei aprender né” .....	68
Excerto 6 – “Ele não chegou a ver inteira a casa” .....	71
Excerto 7 – “Toda prontinha não chegou a ver” .....	72
Excerto 8 – “É mas daí não deu certo” .....	73
Excerto 9 – “É mesmo não tinha pensado nisso” .....	74
Excerto 10 – “Agora faz pensamento positivo” .....	75
Excerto 11 – “Então eu tô indo” .....	76
Excerto 12 – “Eu queria conversar mais um pouquinho com ele” .....	78
Excerto 13 – “Eu sinto uma falta tão grande” .....	79
Excerto 14 – “Pra ele nada era difícil” .....	80
Excerto 15 – “Olha por enquanto tô só comendo” .....	83
Excerto 16 – “Trabalhava de faxina” .....	84
Excerto 17 – “A xícara também tinha que ser marcado” .....	85

## LISTA DE SIGLAS

ABRAz	Associação Brasileira de Alzheimer
DA	Doença de Alzheimer
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SUS	Sistema Único de Saúde

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
<b>2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO FOCO DE PESQUISA: A DOENÇA DE ALZHEIMER</b> .....	<b>21</b>
<b>3 NARRATIVAS</b> .....	<b>32</b>
<b>4 NARRATIVA E IDENTIDADE</b> .....	<b>43</b>
<b>5 METODOLOGIA</b> .....	<b>54</b>
5.1 PARTICIPANTES.....	56
5.1.1 Rúbia .....	57
5.1.2 Luísa .....	58
5.1.3 Vera.....	59
<b>6 ANÁLISE DE DADOS</b> .....	<b>62</b>
6.1 “ENTÃO EU PROCUREI APRENDER NÉ”: RÚBIA E O ACESSO AO CONHECIMENTO.....	62
6.2 “A VELHICE VAI PEGANDO A GENTE TAMBÉM NÉ”: LUÍSA E O CASAMENTO .....	70
6.3 “A XÍCARA TAMBÉM TINHA QUE SER MARCADO”: VERA E A SEGREGAÇÃO SOCIAL .....	82
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>89</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>94</b>
ANEXO A – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO .....	102

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa a investigar o contexto da Doença de Alzheimer, doravante DA, uma patologia neurodegenerativa que causa perdas linguísticas e cognitivas nas pessoas acometidas, o que afeta todas as esferas da vida social desses indivíduos e daqueles ao seu redor (Alzheimer's Association, 2018). Mais especificamente, analisamos as narrativas orais de mulheres que vivem com a DA.

A escolha desse recorte ocorreu em função da expressiva diferença de diagnósticos entre pessoas do gênero feminino e do gênero masculino (Carrillo, 2016), ainda sem uma explicação única definida. A assimetria é tão expressiva, que o marcador gênero é considerado o segundo maior fator de risco de desenvolvimento da doença, perdendo apenas para a idade (Subramaniapillai *et al.*, 2021).

Como destacam Souza, Monteiro e Gonçalves (2022), quando se desenvolvem pesquisas na área da saúde, por vezes, componentes como o gênero não são levados em consideração. Entretanto, as autoras alertam que, em contextos como o da DA, em que “[...] há pesquisas que indicam uma predominância de mulheres afetadas pela doença, não podemos deixar de destacar o gênero” (Souza; Monteiro; Gonçalves, 2022, p. 3).

Essa desconsideração do marcador gênero das pessoas acometidas pela DA também foi indicada no estudo longitudinal desenvolvido por Subramaniapillai *et al.* (2021). Nessa pesquisa de revisão bibliográfica de estudos desenvolvidos sobre a patologia, globalmente, ao longo de 30 anos, os autores identificaram que, apesar da unanimidade na predominância de mulheres diagnosticadas, diferentes elementos são elencados como causadores dessas diferenças.

Assim, foram citados fatores desde o ponto de vista biológico, a exposição a hormônios e a maior expectativa de vida (o que agrava a questão da idade como fator de risco), até elementos relacionados aos papéis sociais, como diferenças no acesso à educação e às condições socioeconômicas e ambientais. Apesar disso, como ressaltam os autores, ainda que essas diferenças existam, não há uma razão única determinada (Subramaniapillai *et al.*, 2021).

É possível compreendermos, a partir dos dados de Subramaniapillai *et al.* (2021), a predominância de uma visão universal e limitada sobre a pessoa acometida pela DA na literatura médica e, conseqüentemente, na sociedade em geral. Dessa



forma, é de suma importância que se desenvolvam estudos que valorizem as identidades dessas pessoas para que essa perspectiva seja posta em xeque.

Assumimos, nesta pesquisa, a perspectiva sociointeracional de narrativas. Dessa forma, compreendemos que, ao narrar, muito mais do que recapitular experiências passadas, as pessoas constroem o mundo social interacionalmente, refletindo valores morais que circulam na sociedade (Biar; Orton; Bastos, 2021). Além da construção de sentido sobre o mundo ao seu redor, ao narrar, as pessoas também constroem a si mesmas por meio da linguagem (Freitas, 2017).

Em consonância com esse conceito de narrativas, utilizamos o modelo de Ochs e Capps (2001) em nossas análises. Conforme explicaremos no quarto capítulo deste trabalho, as autoras propõem uma visão dimensional das narrativas em diferentes aspectos (narração, historiabilidade, encaixe, linearidade e postura moral). Especificamente, nosso enfoque é a dimensão da postura moral, que pode ir desde um eixo mais determinado e constante até um mais indeterminado e fluido.

A fim de investigar a construção identitária, apoiamo-nos nos postulados de Bucholtz e Hall (2005) a respeito dos cinco princípios que fundamentam a pesquisa sobre identidade. Como ferramenta de análise alinhada com essa perspectiva, lançamos mão dos níveis de posicionamento discursivo de Bamberg (1997), em que o autor apresenta três níveis de investigação da construção identitária em narrativas.

A presente pesquisa é fundamentada metodologicamente na abordagem qualitativa (Creswell, 2010) e está baseada na metodologia de pesquisa narrativa (Paiva, 2019) e da geração de dados por meio da entrevista qualitativa (Bastos; Santos, 2013), compreendida aqui como um evento discursivo de coconstrução de sentido entre pesquisador(a) e participante (Mishler, 1986).

Diante desse contexto, a presente pesquisa tem como objetivo geral compreender como ocorre a construção de identidades em narrativas de mulheres com a Doença de Alzheimer na interação. Para tanto, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- a) analisar como são construídas as narrativas de mulheres com a DA;
- b) analisar quais recursos linguísticos são mobilizados por essas mulheres para se manterem ativas nas interações, apesar das dificuldades causadas pela doença;

- c) investigar de que forma a dimensão da postura moral em relação a discursos recorrentes na sociedade que emergem nas narrativas contribui para a construção de suas identidades na interação.

Nosso interesse no tema teve origem ainda durante a Graduação, na Iniciação Científica, com os estudos do grupo de pesquisa NIL (Narrativa, Interação e Linguagem), vinculado à Linha de Pesquisa Interação e Práticas Discursivas do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)<sup>1</sup>. Assim, já na monografia de conclusão do curso de Licenciatura em Letras (Dornelles, 2021), demos os primeiros passos no estudo mais aprofundado de narrativas orais de pessoas com a DA, com a mobilização de referenciais tanto sobre a doença quanto do arcabouço teórico da Análise de Narrativas Oraís, pela perspectiva do socioconstrucionismo.

Além desse interesse pessoal, a justificativa para o desenvolvimento desta pesquisa também leva em consideração os prognósticos de que, até 2030, duas em cada três pessoas com mais com mais de 85 anos terão desenvolvido a doença (McDade; Bateman, 2017). Diante desse cenário, há estudos, em diferentes áreas do conhecimento, que buscam compreender os impactos dessa neuropatia. Quando a variável gênero é acrescentada às análises, mais um aspecto relevante surge, o de que há um número consideravelmente maior de mulheres do que de homens que desenvolvem a doença (Carrillo, 2016). Apesar dessas constatações, ainda não há explicações concretas para esses dados.

Como Sabat (2019) explica, as investigações sobre a DA são feitas principalmente por meio de pesquisas quantitativas. O autor propõe que se usem abordagens qualitativas de pesquisa, a fim de que se possa compreender com maior profundidade quem são as pessoas por trás dos diagnósticos. Uma das possibilidades é o trabalho com narrativas que, conforme explicam Karlsson *et al.* (2014), permite que as pessoas com demência possam construir e expressar sentido sobre suas vidas, o que auxilia no processo de consciência de si mesmas.

---

<sup>1</sup> Em julho de 2022, a UNISINOS anunciou a descontinuação deste e de mais onze Programas de Pós-Graduação. Deixamos aqui nossa nota de pesar por essa decisão, especialmente por compreendermos que o fechamento dessa fonte de pesquisas e desenvolvimento impacta diretamente na sociedade como um todo. Lamentamos por nossas pesquisas, nossos professores e nossos colegas, que tanto trabalharam para fazer deste um Programa de excelência, tendo alcançado nota 6 na avaliação da área Linguística e Literatura da Capes, quadriênio 2017-2020.

Mais especificamente, o enfoque dado nesta pesquisa às narrativas de mulheres com a DA permite que se desmistifique a ideia de um estereótipo único da doença, pois, conforme explicam Souza, Monteiro e Gonçalves (2022, p. 6), “[...] pessoas e corpos com Alzheimer existem em contextos específicos que são marcados por questões de gênero, raça, classe, sexualidade e idade, que tornam a experiência da doença também situada”.

Cada pessoa vivencia a doença de uma maneira particular. Nesse sentido, é de suma importância que se realize um movimento de valorização dos contextos e vivências de cada indivíduo. Assim, tensiona-se o senso comum de total dependência e apagamento das características pessoais, muitas vezes reforçada em muitas descrições universais da patologia.

Além disso, pesquisas que levem em consideração o marcador de gênero das pessoas acometidas também contribuem para um olhar mais específico sobre a forma de tratamento e sobre o convívio com a doença. Tal movimento permite que se desenvolvam olhares individualizados para as particularidades de cada contexto (Subramaniapillai *et al.*, 2021).

Nesse cenário, acreditamos que esta pesquisa possa contribuir para uma compreensão maior das identidades de mulheres acometidas pela DA e dos recursos linguísticos que mobilizam para se manterem ativas nas interações, apesar das dificuldades causadas pela doença. Conforme ressaltam Mira e Custodio (2021, p. 2003),

Inserir as pessoas acometidas pela DA nas interações cotidianas, oferecer o apoio interacional necessário e dar espaço para que sejam ouvidas e contem suas histórias de vida contribui para que reconstruam o sentido de si mesmas. Claramente, é na interação com o outro que nos constituímos e ressignificamos experiências.

Com essa escuta, permitimos que pessoas, por vezes deixadas de lado nas interações, possam participar das atividades sociais e tenham suas narrativas ouvidas e valorizadas. Acreditamos também que é relevante voltarmos nosso olhar para as interações cotidianas, a fim de aprofundarmos a compreensão sobre os sentidos e valores construídos na sociedade (Freitas, 2019). A presente pesquisa está inserida no campo da Linguística Aplicada, com o intuito de contribuir para a inteligibilidade sobre a vida social e investigar a linguagem em uso dentro de um contexto de demanda social crescente (Moita Lopes, 1996; Rocha; Daher, 2015).

O trabalho está organizado, para além desta introdução, em mais seis capítulos. No capítulo 2, contextualizamos a pesquisa, com dados a respeito do envelhecimento populacional e da DA. No capítulo 3, adentramos no conceito que adotamos para narrativas, seguindo a visão socioconstrucionista, e apresentamos a proposta das dimensões da narrativa de Ochs e Capps (2001). No capítulo 4, o conceito apresentado é o de identidade, segundo os princípios de Bucholtz e Hall (2005). Também explicamos os níveis de posicionamento discursivo de Bamberg (1997), que nos amparam nas análises. No capítulo 5, apresentamos a metodologia empregada, bem como informações sobre as participantes e o relato do processo de geração dos dados. No capítulo 6, temos a análise dos dados, dividida em 3 seções, uma para cada participante da pesquisa. Por fim, no capítulo 7, apresentamos as considerações finais da pesquisa.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO FOCO DE PESQUISA: A DOENÇA DE ALZHEIMER

O envelhecimento populacional é um fenômeno que desperta a preocupação mundial. Conforme Radulović e Kostić (2021), a diminuição da taxa de natalidade e o aumento da expectativa de vida são características da sociedade contemporânea. As consequências desse processo demográfico, segundo os autores, estendem-se em diferentes campos, gerando impactos biológicos, sociais, econômicos e políticos, afetando inclusive a inflação dos países.

Em um estudo longitudinal em que foram cruzados dados de 195 países ao longo de 27 anos, Cheng *et al.* (2020) demonstram que o desenvolvimento socioeconômico, bem como o crescimento populacional têm contribuído para a longevidade da população. Os autores atentam principalmente para os impactos que esse fenômeno causa na área da saúde, pois será necessário que “[...] sistemas de saúde sejam reformados para se adequarem ao crescimento da necessidade por recursos médicos” (Cheng *et al.*, 2020, p. 1).

Com o mesmo objetivo de analisar os impactos do envelhecimento populacional nos sistemas de saúde, Li *et al.* (2019) observam de maneira ampla o fenômeno demográfico. Analisando padrões e particularidades de diferentes regiões do mundo, os autores ressaltam que houve uma mudança nas doenças mais tratadas por conta do envelhecimento populacional:

Uma transformação nos maiores tratamentos de saúde tem ocorrido por conta do envelhecimento populacional. No começo do século XX, os maiores tratamentos de saúde eram voltados a doenças transmissíveis, infecciosas e parasitoses, que normalmente afetam a vida de crianças. No presente, doenças não transmissíveis, como doenças cardíacas, artrite e demência, que normalmente afetam adultos e pessoas mais velhas, têm imposto carga na saúde<sup>2</sup> (Li *et al.*, 2019, p. 2, tradução nossa).

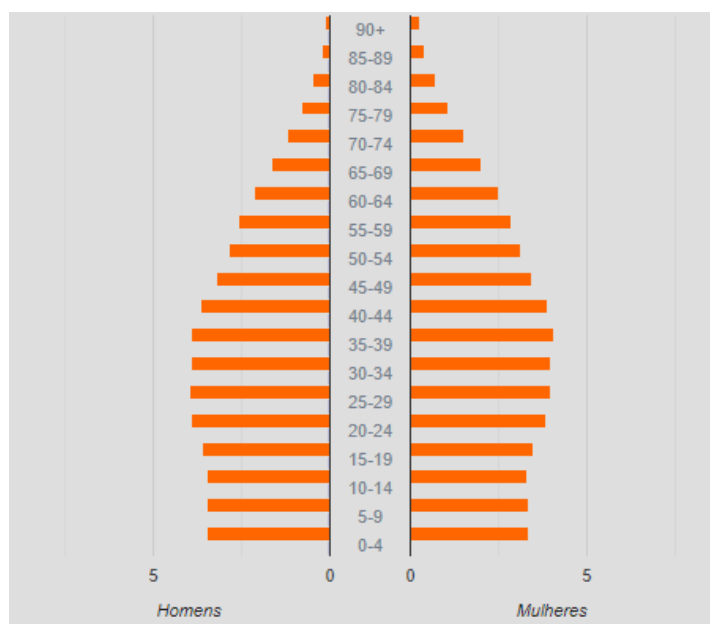
Os autores denominam esse fenômeno como uma transformação epidêmica. Diante dessa situação, afirmam que é necessária uma reformulação nos sistemas de saúde do mundo todo, a fim de que os governos possam alocar recursos para o tratamento e o cuidado de pacientes idosos.

---

<sup>2</sup> “A transformation of the major health threats has been occurring due to population ageing. In the early twentieth century, the major health threats were communicable diseases, infectious and parasitic diseases, which most often claimed the lives of infants and children. At present, non-communicable diseases--such as heart disease, arthritis and dementia -that usually affect adults and older people impose the greatest global healthburden”.

No Brasil, o envelhecimento populacional tem ocorrido desde os anos 1940 (Küchemann, 2012). Projeções demonstram que, se o ritmo se mantiver, poderemos, inclusive, ter um maior número de idosos do que de jovens até o ano de 2030 (Brasil, 2010, p. 51). O gráfico abaixo representa a atual pirâmide etária do Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Figura 1 – Pirâmide etária do Brasil



Fonte: IBGE (2023).

Também é interessante notar no gráfico que há uma diferença entre o número de homens e o de mulheres idosas no país. Em faixas etárias como entre 80 e 84 anos, a assimetria chega a 0,3%. Pesquisas como a desenvolvida pelo Plano Nacional de Saúde (2019) e publicada por Gandra (2021), no portal Agência Brasil, revelam que um dos principais fatores para essa discrepância é o maior cuidado com a saúde que as mulheres têm. Os dados apontam que 82,3% das pessoas que buscaram atendimento no SUS (Sistema Único de Saúde) no ano de 2019 eram do gênero feminino.

Esse processo de aumento do número de mulheres em relação ao de homens conforme aumenta a faixa etária é denominado por Küchemann (2012) como “feminilização da velhice” e tem como principal causa o maior cuidado com a saúde preventiva do gênero feminino. A autora ainda destaca que, por conta do ritmo acelerado do envelhecimento populacional brasileiro, é necessário que sejam desenvolvidas políticas públicas de cuidado com essa fatia da população,

especialmente porque a responsabilidade ainda recai muito sobre a família. A pesquisa destaca, em especial, os cuidados de longo prazo, como é o caso das demências, cujos diagnósticos têm crescido ao longo dos anos.

Sendo considerada a forma de demência mais comum atualmente (Leite *et al.*, 2020), a Doença de Alzheimer é uma patologia neurodegenerativa que tem levantado grandes preocupações na sociedade em função de seus prognósticos alarmantes (Alzheimer's Association Report, 2018). Causada pelo acúmulo da proteína beta-amiloide e pela presença desordenada da proteína tau nos neurônios, gera a morte de neurônios e a perda de sinapses nervosas, o que se traduz em dificuldades de memória, compreensão e julgamento, afetando também a linguagem das pessoas acometidas (Barros *et al.*, 2009).

Apesar de sabermos de seus impactos, ainda não há uma unanimidade na área sobre os aspectos que desencadeiam o desequilíbrio nessas proteínas. Acredita-se que a patologia se comporte como a maioria das doenças crônicas, ou seja, causada pela associação de fatores múltiplos (Alzheimer's Association Report, 2018). Diferentemente do que por muito se acreditou, estudos mais recentes demonstram que, mesmo que o fator genético interfira no desenvolvimento da DA, apenas 1% dos casos ocorrem unicamente por esse aspecto (McDade; Bateman, 2017). Por conta dessa multiplicidade de possíveis causas, muitas vezes o diagnóstico é dificultado, já que são necessários muitos exames clínicos (Custodio, 2019).

Quando fazemos uma retrospectiva histórica da DA, conforme a proposta de Menezes (2022), constatamos que, por muito tempo, a perda de memória em pessoas idosas era considerada algo natural, não sendo do interesse da medicina. Diante dessa falta de definições no campo, é comum que o diagnóstico não ocorra ou seja tardio, dificultando o tratamento dos idosos, que, muitas vezes, é apenas paliativo.

O relatório de 2018 da Associação do Alzheimer apresenta, como principais sintomas da doença, as perdas de memória que afetam a rotina; a dificuldade no planejamento de atividades, na solução de problemas e na realização de tarefas cotidianas; a confusão temporal; a dificuldade no entendimento de imagens e do espaço, na fala e na escrita, na colocação de objetos e na reprodução de trajetos; além das mudanças de humor e de temperamento. Todos esses aspectos, segundo a associação, impactam no afastamento desses indivíduos das interações sociais.

Na área da linguagem, Morato (2010) menciona aspectos como o uso excessivo de dêiticos e de repetições e a dificuldade de nomear objetos, sentimentos

e emoções. Consequentemente, as pessoas acometidas podem ter dificuldade em acompanhar conversas mais complexas e manter a atenção durante as interações (Karlsson *et al.*, 2014). Isso pode levar a um afastamento dessas pessoas do convívio social (Menezes, 2022), bem como contribuir para o estigma de que a demência destrói a mente e a identidade (Sabat, 2019).

Hydén (2014) também indica como dificuldades enfrentadas na área da linguagem o estabelecimento e a negociação de significados em interações. Isso se dá, segundo o autor, tanto por dificuldades de audição quanto de entendimento semântico. Esses casos demandam, por parte dos cuidadores, uma ação colaborativa na interação, repetindo enunciados ou reformulando-os, se necessário. Outro aspecto levantado pelo pesquisador, nesse mesmo artigo, é a curta atenção das pessoas acometidas pela DA, o que as faz desviar do tópico da interação, sendo necessárias ações como perguntas que retomem o assunto em questão.

Diante dessas dificuldades, a DA não afeta apenas a saúde das pessoas acometidas. Mira (2019, p. 241) explica que

O impacto da DA não pode ser aferido somente em termos de comprometimento neurológico ou linguístico. É inegável que o declínio desencadeado pela patologia não pode ser restrito ao que acontece individualmente no cérebro de alguém que vive com a DA. As consequências da patologia afetam sensivelmente o entorno social [...].

Por gerar impactos na vida social e na autonomia do indivíduo, todos ao redor precisam adaptar-se para atender às necessidades do familiar diagnosticado, uma vez que ele dependerá de apoio constante, inclusive em atividades cotidianas (Custodio, 2019). Essas modificações na rotina familiar geram, por vezes, uma visão que limita a pessoa ao seu diagnóstico e às suas disfunções, deixando de lado sua dignidade (Sabat, 2019).

Entidades como a Associação Brasileira de Alzheimer (ABRAz), reconhecendo a dificuldade da tarefa de cuidar dos pacientes acometidos, promovem grupos de apoio e desenvolvem materiais para os cuidadores. Em um pôster de 2017, distribuído em reuniões de um grupo de apoio, a organização enfatiza que

O cuidador familiar principal tem sua vida profundamente modificada e nem sempre seu esforço é reconhecido, o que comumente intensifica o estresse e a insatisfação. Há sobrecargas emocional, social e financeira em razão das múltiplas demandas que surgem, o que pode interferir negativamente em sua qualidade de vida. É comum o cuidador adiar ou substituir planos pessoais



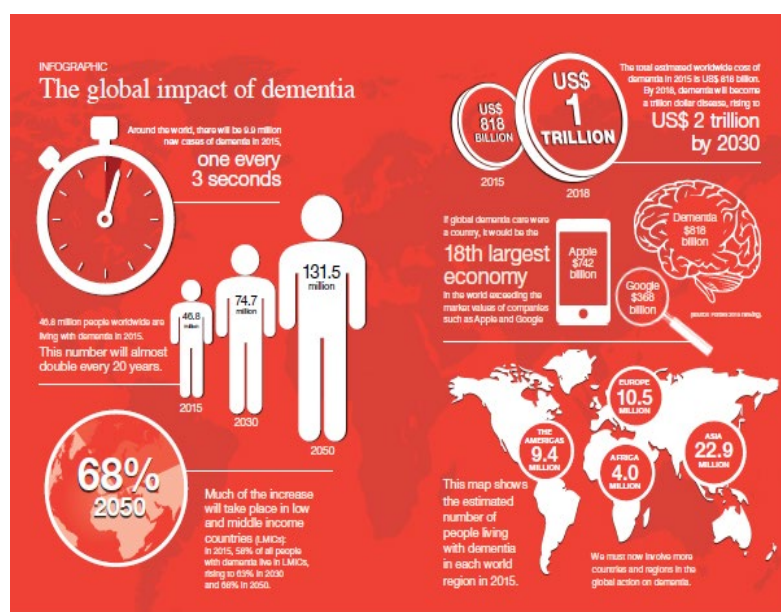
em razão de cuidar do paciente (Associação Brasileira de Alzheimer, 2017, p. 4).

É perceptível que, mesmo em níveis micro, os impactos da DA já são grandes. Porém, quando temos uma perspectiva mais ampla, percebemos que, com o envelhecimento da população, as consequências são sentidas em todos os âmbitos da sociedade (Mira; Carnin, 2017). Além dos impactos diretos na área da saúde, por conta das demandas específicas dessa fatia da população, são também sentidos impactos na economia.

Em um artigo publicado pela revista *Nature*, McDade e Bateman (2017) apresentam dados alarmantes. Segundo esse estudo, se continuarmos sem uma cura identificada, em 2030, a quantidade de pessoas diagnosticadas com a DA chegará a uma proporção de duas em cada três pessoas com mais de 85 anos. Conseqüentemente, todos serão afetados de uma forma mais direta ou indireta, até porque será imperativo um investimento global de, aproximadamente, dois trilhões de dólares, segundo a estimativa da Associação Internacional do Alzheimer (Alzheimer's Disease International, 2015). Dessa forma, a DA causará mais gastos do que doenças como câncer e diabetes, hoje as que mais demandam gastos públicos.

O infográfico desenvolvido pela Associação Internacional do Alzheimer e apresentado em seu relatório de 2015 resume bem o cenário em que a DA se encontra, como apresenta a Figura 2.

Figura 2 – Prognósticos da demência globalmente



Fonte: Alzheimer's Disease International (2015, p. 4).

Apesar de esse infográfico tratar da demência de uma forma geral, não enfocando apenas a DA, os dados apresentados são bastantes ilustrativos. Quando foi produzido, havia uma estimativa de um novo caso de demência a cada três segundos, resultando em um total de 46,8 milhões de pessoas, número que dobraria a cada 20 anos. Além disso, é destacado que esse aumento se daria, principalmente, em países subdesenvolvidos, correspondendo a um total de 68% dos diagnósticos até 2050. Conseqüentemente, o custo estimado para atender às demandas dessa fatia da população ultrapassaria a renda de empresas como o *Google* e a *Apple*, chegando a um valor aproximado de dois trilhões de dólares até 2030. Outra informação apresentada refere-se aos números de diagnósticos por continente em 2015: 9,4 milhões nas Américas; 10,5 milhões na Europa; 4 milhões na África; e 22,9 milhões na Ásia.

O estudo desenvolvido por Gao *et al.* (2019) buscou compreender o cenário de desenvolvimento da incidência da DA ao longo do tempo. Os autores chegaram à conclusão de que o número de diagnósticos tem ido na contramão do de outras doenças, crescendo ao longo dos anos, nas diferentes regiões do globo. Porém, eles ressaltam que não se exclui a possibilidade de esse crescimento estar associado a uma melhora nos exames de identificação da doença.

Ambos os estudos ressaltam o quão preocupantes são a inexistência de uma cura identificada e a necessidade de investimento em iniciativas de prevenção. Segundo Beard (2004), o que tem ocorrido é uma medicalização da DA e, conseqüentemente, o desenvolvimento de uma imagem negativa e limitadora das pessoas acometidas.

Em referência a esse cenário, Sabat (2019) explica que, ainda hoje, o campo de estudos da DA é dominado por abordagens quantitativas e biomédicas. Para o autor, essas metodologias “não nos permitem apreciar muitas capacidades significativas que as pessoas diagnosticadas com demência possuem”<sup>3</sup> (Sabat, 2019, p. 163, tradução nossa).

Associada a essa ênfase nas incapacidades, desenvolve-se também um expressivo estigma na grande mídia, que reforça, por vezes, a ideia de que não há nada a ser feito diante do diagnóstico da DA. Em um livro, patrocinado pela

---

<sup>3</sup> “[...] does not allow us to appreciate the many significant strengths possessed by people diagnosed with dementia [...]”.

Associação Brasileira de Alzheimer, que reúne relatos de familiares de pessoas acometidas, a patologia é descrita como “[...] a doença da perda, pois, no seu percurso, vivem-se momentos de finitude, alguns temporários, e outros definitivos, tanto para o paciente quanto para os familiares” (Cassalha; Ortiz, 2022, p. 20).

Filmes e séries têm sido feitos sobre a temática, apresentando diferentes histórias sobre o modo como a doença afeta a vida dos acometidos e de seus familiares. Citamos, a título de exemplo, produções como *Grey’s Anatomy* (2021), *Para sempre Alice* (2014) e *This is us* (2021). Essas produções, que circulam na sociedade, apesar de levantarem a discussão desse tema tão relevante, muitas vezes acabam por enfatizar aspectos negativos da doença e apagar as características individuais dos acometidos, reforçando a ideia de que, ao desenvolver a patologia, a pessoa se torna seu próprio diagnóstico, perdendo sua identidade e o convívio com o mundo ao seu redor.

Entretanto, como ressalta Gasparetto (2011, p. 29), da mesma maneira que “a velhice é uma experiência heterogênea que comporta ganhos e perdas e é determinada por um amplo espectro de variáveis em interação”, a DA também tem diferentes consequências nas vidas dos acometidos. Logo, a autora enfatiza a importância de se desenvolverem estudos para além do paradigma biomédico, que enfoquem “[...] as mudanças da linguagem considerando o contexto sócio-cultural, os modos de seus relacionamentos, as transformações na formulação (meta)discursiva dos conceitos de velhice e de envelhecimento” (Gasparetto, 2011, p. 30).

Nesse sentido, de desenvolver novas perspectivas sobre a DA, Karlsson *et al.* (2014) apresentam a possibilidade de se trabalhar com histórias de vida. Os autores explicam que as pessoas com demência podem ter dificuldades em se concentrar e participar das interações cotidianas. Assim, sugerem que estimular as narrativas pessoais pode ser “[...] uma forma de sustentar o senso de si e definir nossa própria identidade”<sup>4</sup> (Karlsson *et al.*, 2014, p. 2797, tradução nossa), uma vez que, por fazerem as pessoas acometidas resgatarem pessoas, locais e eventos significativos de suas vidas, aumentam sua conexão com o mundo, suportando suas identidades.

Estudos como esse enfocam as capacidades das pessoas com a DA, em vez de reforçarem os aspectos que a doença afetou. Conforme explica Custodio (2019, p. 16),

---

<sup>4</sup> “[...] a way to sustain a sense of self and define our own identity”.

Adentrar no campo das narrativas orais por meio de um contexto de patologias neurodegenerativas é avançar por um terreno demarcado pelas perdas de memória, de capacidade cognitiva, interacional e identitária. No entanto, isso não significa considerá-lo um terreno infértil.

Mesmo diante do quadro de dificuldades, há muito a ser explorado. Como destaca Kroeff (2012, p. 13), diante do quadro da DA, é necessário “se concentrar no que resta, no que é possível, no espaço que ainda temos para exercer nossa liberdade”. Morato (2012), por essa perspectiva, analisa dados de fala de pessoas com DA e afasias. Segundo os estudos desenvolvidos pela autora, as pessoas acometidas

[...] são capazes de reorganizar ou reorientar a significação durante a atividade em curso, especialmente em conversações situadas nas quais se torna (mais) perceptível todo um conjunto de processos colaborativos e toda uma construção conjunta e intersubjetiva de referentes (Morato, 2012, p. 49).

Mira e Carnin (2017) defendem estudos nessa perspectiva, afirmando que, diante da predominância de investigações focada em aspectos biomédicos, são necessárias pesquisas que abarquem a natureza multifatorial da DA, englobando metodologias qualitativas, como a análise de narrativas. Assim,

Ao analisarmos como uma pessoa acometida pela DA constrói sua identidade durante o ato de narrar, mudamos a lente sobre o que é dito sobre a patologia e permitimos conhecer e reconhecer o que é desenvolvido pela mobilização de recursos linguísticos e discursivos no âmbito da interação (Mira; Custodio, 2022).

Conforme explica Custodio (2019, p. 35), é preciso um deslocamento do prisma de análise da doença, em que os “recursos cognitivos e semióticos remanescentes a partir da colaboração com outras pessoas não acometidas pela doença” são postos em foco. Entretanto, é preciso ressaltar que analisar as narrativas de pessoas acometidas pela DA não significa utilizar métodos de estudos experimentais como os descritos por Hydén (2011). Nessas pesquisas, de cunho mais cognitivo, a capacidade de contar histórias coerentes é medida por meio de testes em que os pacientes escutam uma narrativa e precisam contá-la novamente. Segundo o autor, esses experimentos, por desconsiderarem o contexto social e interacional, limitam a identificação das capacidades das pessoas acometidas pela DA.

Destacamos também que, neste trabalho, no contexto da DA, fazemos um recorte de pesquisa seguindo a perspectiva de que ainda não há um consenso nos

fatores que levam à DA. Porém, estudos recentes têm incluído a variável do sexo biológico nas análises, após ter sido identificada uma expressiva diferença no número de diagnósticos de DA do gênero feminino em comparação com o masculino (Carrillo, 2016).

Em uma revisão bibliográfica de pesquisas sobre prevalência da DA em mulheres, Subramaniapillai *et al.*, (2021) retomam estudos que traçam diferentes hipóteses sobre o motivo de haver mais mulheres do que homens diagnosticados com a patologia. Os autores explicam que, apesar de ser consenso que essa diferença existe e que, inclusive, o marcador de gênero é considerado o segundo maior fator de risco para o desenvolvimento da doença, vindo logo atrás da idade, ainda são poucas as pesquisas que consideram essa variável.

Sobre os impactos biológicos, as pesquisas analisadas pelos autores afirmam, em sua maioria, que as mulheres podem ser mais propensas a desenvolverem a DA quando têm uma exposição menor a hormônios ovarianos, quando ocorre uma entrada jovem na menopausa (por causas cirúrgicas, com a remoção dos ovários, ou por causas naturais) (Subramaniapillai *et al.*, 2021). Se esses estudos com um enfoque nas diferenças biológicas já foram poucos – apenas 16 dos 63 artigos analisados pelos autores –, quando se levam em consideração fatores sociais do gênero, os números foram ainda menores. Os pesquisadores destacam que nenhum estudo analisou as diferenças que estímulos como apoio social e atividades físicas ou cognitivas podem promover, em se tratando de homens ou mulheres acometidos pela DA.

Uma das diferenças sociais identificadas pelas pesquisas analisadas foi o nível de educação entre homens e mulheres participantes dos estudos, o que “sugere uma desigualdade no acesso à educação”<sup>5</sup> (Subramaniapillai *et al.*, 2021, p. 12, tradução nossa). Porém, os autores concluíram que os resultados obtidos demonstraram que, apesar dessa desigualdade, houve um impacto positivo da educação nas mulheres, comprovando que “mesmo níveis ‘pequenos’ de educação podem ser benéficos”<sup>6</sup> (Subramaniapillai *et al.*, 2021, p. 12, tradução nossa).

Além disso, ainda nesse ponto de análise, os pesquisadores ressaltam que, com o aumento expressivo de mulheres no ensino superior, serão necessários estudos que acompanhem essa mudança social, a fim de que se possa concluir se,

---

<sup>5</sup> “[...] suggesting an inequality in the access in education”.

<sup>6</sup> “[...] even ‘small amounts of education can be beneficial”.

realmente, há uma relação direta entre propensão ao desenvolvimento da DA e o acesso à educação. Dessa forma, reforçam que, por se tratar de dados fluidos e, portanto, passíveis de transformações sociais ao longo do tempo, é

[...] importante incorporar essas diferenças geracionais, inclusive das mudanças nos cenários econômicos, políticos, ambientais e sociais que podem, de fato, afetar nosso entendimento de diferenças sexuais na reserva e no risco da DA (Subramaniapillai *et al.*, 2021, p. 13, tradução nossa).<sup>7</sup>

Outra questão apresentada nos artigos da revisão bibliográfica referida é a diferença que o contexto de trabalho gera, em relação à propensão para o desenvolvimento da DA. Segundo a análise dos autores, dados a respeito das condições laborais ao longo da vida, como, por exemplo, ocupações mais braçais ou intelectuais, também foram considerados nos estudos revisados. Sabendo que há papéis sociais e, conseqüentemente, carreiras de certa forma impostas a determinado gênero, essa questão é também de cunho social. Entretanto, os pesquisadores ressaltam que há muitas divergências nesse ponto, uma vez que as descrições do que seria um trabalho intelectual ou braçal variam.

Os autores concluem, após essa revisão bibliográfica, que ainda são poucos os estudos na área os quais levem em consideração as diferenças entre sexos e gêneros nas análises sobre a DA. Explicam que esse cenário deve ser revertido, pois

Análises estratificadas de sexo e considerações sobre o gênero são críticas não apenas para revelar diferentes mecanismos relacionados à DA em mulheres e homens, mas também para encontrar as intervenções mais eficazes para cada sexo (Subramaniapillai *et al.*, 2021, p. 14, tradução nossa).<sup>8</sup>

Em uma análise crítica desse cenário de discrepância entre a incidência de pessoas do gênero feminino acometidas pela DA e o baixo número de estudos sobre o tema, Souza, Monteiro e Gonçalves (2022) também defendem que deveria ser dada maior atenção a aspectos referentes a variáveis demográficas como gênero e raça, como forma não de reforçar estereótipos e racismo, mas de compreender melhor como as doenças se comportam em diferentes contextos. Segundo os autores,

---

<sup>7</sup> “[...] important to incorporate such generational differences, including changes in economic, political, environmental, and social landscapes which, may in turn, affect our understanding of sex differences in reserve and risk from AD”.

<sup>8</sup> “Sex stratified analyses and gender considerations are critical not only to reveal different AD-related mechanisms in women and men, but also in finding the most efficacious interventions for each sex”.

A doença é vivenciada e performada de formas múltiplas a partir de como é experimentada pelas pacientes, como é mensurada de modos diferentes e demarcada por pacientes e profissionais de saúde, além, é claro, dos exames e conceitos médicos por meio dos quais é nomeada (Souza; Monteiro; Gonçalves, 2022, p. 5).

Apesar disso, o que ocorre é uma universalização dos pacientes, como se todos vivenciassem a patologia da mesma forma. Essa visão reduz a identidade da pessoa acometida, reforçando o estigma da dependência total e da incapacidade de interação e convivência. Conforme explica Gasparetto (2011, p. 38),

O que observamos é que o processo linguístico-cognitivo no envelhecimento é um processo multidimensional e multidirecional. Diferentes funções cognitivas começam a mudar em diferentes momentos, com diferentes resultados sobre diferentes indivíduos com experiências biológicas, psicológicas e sócio-histórica e culturais diferentes. As mudanças não são uniformes para todos os indivíduos e populações.

Dessa forma, Souza, Monteiro e Gonçalves (2022) reforçam a importância de se desenvolverem pesquisas que considerem os contextos em que as pessoas com Alzheimer estão, pois esses elementos definirão a forma como a doença será experienciada e situada.

Assim, diante do apagamento das identidades das pessoas acometidas pela DA, é necessário o desenvolvimento de estudos que enfoquem as particularidades de cada indivíduo, valorizando suas narrativas e formas de ver o mundo. Desse modo, será possível perceber as diferentes formas como a patologia impacta os indivíduos e compreender suas experiências individuais de interação em sociedade, o que pode contribuir para uma desmistificação do estigma da doença como o único aspecto identitário da pessoa.

Nesse sentido, acreditamos que, com a mobilização dos estudos da Análise de Narrativa, é possível investigar a relação entre identidade e linguagem no contexto da DA em que ocorrem perdas cognitivas, linguísticas e interacionais. Porém, conforme ressaltam Mira e Custódio (2022), essa ainda é uma área pouco explorada nos estudos de Linguística Aplicada. Por isso, buscamos desenvolver uma análise que interligue narrativas orais e construção interacional das identidades de mulheres acometidas pela DA.

### 3 NARRATIVAS

Desde a infância, somos permeados por histórias, das ficcionais até aqueles relatos cotidianos que constituem as memórias familiares. Segundo afirma Flannery (2015), nós vivemos por meio de histórias e, com elas, podemos fazer referência a momentos passados e até mesmo hipotéticos, constituindo nossa visão de mundo.

Freitas e Lopes (2017, p. 308), em referência a Kim (2016), asseveram que “a narrativa é um dos poucos empreendimentos humanos que é considerado tanto um aspecto básico como uma estratégia essencial da expressão humana”. Isto é, apesar de ser elementar, o narrar é de suma importância na construção de sentidos. Sommers e Gibson (1994, p. 41) enfatizam que até níveis mais amplos, como a própria compreensão de sociedade, do enfrentamento de doenças e de revoluções passa por “narrativas que se entrecruzam e nas quais os atores se localizam”.

Logo, contar histórias não tem um papel apenas de recapitulação, mas também de organização do pensamento, apreensão da realidade e construção de sentido (De Fina; Georgakopoulou, 2012; Bastos; Biar, 2015). Apesar dessa grande importância, o narrar é natural, emerge nas interações. Conforme explicam Bastos e Biar (2015, p. 107),

Contamos histórias cotidianamente porque é normal [...] contar histórias em interação tem uma centralidade cultural e uma organização regrada que é parte dos métodos tácitos que o ator social lança mão para interagir em sociedade [...].

Mesmo havendo um consenso sobre a presença e a importância da narrativa na sociedade, a definição do termo não é única. Ao explicar o que seria a pesquisa narrativa, Paiva (2019) reúne as definições de autores como Polkinghorne (1988), Shkedi (2005) e Elliot (2005). As concepções desses pesquisadores, segundo a análise da autora, realçam a ligação entre o narrar e a construção de sentido, a ordem sequencial dos discursos e o direcionamento da história a um público definido.

De Fina e Georgakopoulou (2012) também produzem uma revisão bibliográfica sobre os conceitos de narrativa. Definido como tipo textual, o narrar tem critérios estruturais bem definidos e universais, baseados em aspectos linguísticos. Enquanto modo, a narrativa é vista de uma perspectiva cognitiva, em que as histórias seriam um processo mental interno de representação e apreensão do real.



Tanto De Fina e Georgakopoulou (2012) quanto Paiva (2019) apontam Jerome Bruner como principal nome na perspectiva cognitiva e psicológica de narrativas. Conforme Paiva (2019, p. 89), “Bruner (1987, 1996) afirma que as experiências são por nós estruturadas, organizadas, percebidas e representadas como narrativas”. Assim, contar histórias é uma forma de compreender a realidade, sendo um meio primário de comunicação (De Fina; Georgakopoulou, 2012).

Na Linguística, os estudos de Labov e Waletzky (1967) sobre narrativas de quase morte foram os pioneiros nas pesquisas da área. No contexto da entrevista sociolinguística, os pesquisadores convidavam as pessoas a relatarem experiências em que sofreram risco de vida. Apesar de inicialmente buscarem marcas de variação em falas não monitoradas, os autores voltaram a atenção para algo ainda não explorado: as narrativas orais. Assim, além de terem sido os primeiros a tomarem essas histórias como objeto de análise, puderam demonstrar que, diferente do que se pensava até então, a oralidade também é marcada por uma regularidade, tal qual o texto escrito (Flannery, 2015).

A partir da análise dessas histórias, foi desenvolvido por Labov e Waletzky (1967) um modelo composto por seis partes: resumo, orientação, ação complicadora, resolução, coda e avaliação, de acordo com o que indica a Figura 3.

Figura 3 – Modelo de narrativas de Labov



Fonte: Elaboração nossa, com base em Flannery (2015).

Conforme as descrições de De Fina e Georgakopoulou (2012) e Flannery (2015), no resumo, ocorre uma prévia da história, para chamar a atenção do interlocutor. Na orientação, são apresentados o cenário e os personagens da narrativa. Na sequência, a ação complicadora é o ponto de virada, o momento em que a história toma um rumo inesperado, que a faz ser interessante. A resolução é o desfecho da narrativa, seguida da coda, que é a reinserção da história na interação. Por fim, a avaliação é a opinião, a conclusão tirada da narrativa, podendo tanto ser

interna, por parte do narrador, quanto externa, por parte dos demais participantes da interação.

O objetivo dos estudos de Labov (1972), por sua vez, não era a análise das narrativas, e alguns aspectos da teoria foram posteriormente criticados (Labov, 1997; De Fina; Georgakopoulou, 2012). Primeiramente, o próprio conceito de narrativa como uma recapitulação de eventos em uma ligação direta com o que realmente aconteceu é revisto quando se percebe que devemos levar em consideração o contexto interacional em que as histórias emergem.

Outro aspecto discutido é o fato de o modelo ignorar casos em que a audiência participa da construção da narrativa (De Fina; Georgakopoulou, 2012; Flannery, 2015). Como consequência, aquelas histórias em que não há uma estrutura clara, com apenas um narrador, que toma grandes turnos de fala, são desconsideradas nas análises.

As narrativas analisadas nesta pesquisa, por exemplo, não seriam passíveis de estudo. Como explicado na contextualização sobre a DA, muitas vezes a demência acaba por atingir habilidades linguísticas necessárias a uma narrativa mais estruturada, como acesso lexical, referenciação ou sequencialidade temporal. Além disso, quando se trata de uma interação com uma pessoa acometida pela DA, por vezes são necessárias intervenções do interlocutor, tanto por conta da perda da atenção, quanto para andamento no acesso lexical ou no fornecimento de informações que complementem a história (Mira; Custodio, 2021).

Essa ajuda do interlocutor na interação consiste no andamento, conceito desenvolvido na teoria vygotskiana, que se refere ao processo em que um indivíduo mais experiente dá suporte a outro, de forma a auxiliá-lo a superar dificuldades e atuar de maneira independente (Wood; Bruner; Ross, 1976). No caso das interações com pessoas acometidas pela DA, o conceito também pode ser aplicado no sentido apresentado por Mira e Custodio (2021, p. 1987), quando afirmam que

A colaboração da pessoa não acometida pela doença estabelece o que pode ser chamado de andamento necessário a fim de facilitar a interação, seja estabelecendo significados conjuntos, lembrando experiências compartilhadas ou contribuindo com conhecimentos comuns a ambos. [...] Dessa forma, nas interações que acontecem dentro do contexto patológico abordado, o papel do andamento pode ser de significativa relevância, pois resulta em uma maior ou menor participação da pessoa acometida, ocupando uma posição central ou periférica no cenário cotidiano.

Assim, assumimos aqui que o narrar é uma forma de construção interacional de sentido das experiências humanas, ou seja, um “[...] modo de pensamento, comunicação e apreensão da realidade [...]” (De Fina; Georgakopoulou, 2012, p. 15, tradução nossa)<sup>9</sup>. Alinhamo-nos também com Mira e Custódio (2021, p. 1983), quando afirmam que “contar histórias sobre eventos passados é uma atividade conjunta em que os interlocutores se envolvem em uma ação que acontece necessariamente em coordenação com os outros sujeitos”. Logo, vamos além da definição de narrativa, inicialmente proposta por Labov e Waletzky (1967) como uma recapitulação de eventos passados em uma sequência temporal. Compreendemos que muitas ações ocorrem quando alguém conta uma história (Flannery, 2015; Mira; Custodio, 2021). Biar, Orton e Bastos (2021, p. 233) resumem que, ao narrar, as pessoas

1. (re)criam ou sustentam, neutralizam ou desafiam crenças, valores, identidades, rótulos, categorias sociais e as expectativas a elas atreladas, ordens econômicas e políticas;
2. organizam, conferindo sequência e coerência a suas experiências de vida;
3. cultivam relações e negociam suas ‘funções identitárias’ (FABRÍCIO, BASTOS, 2009);
4. posicionam-se avaliativamente em relação a personagens, objetos, ações narradas;
5. reivindicam pertencimento e exclusão a grupos sociais;
6. condensam e tomam parte em embates discursivos.

O narrar tem um grande impacto na vida das pessoas. Conseqüentemente, quando analisamos as narrativas, podemos compreender estruturas, valores e crenças que organizam a sociedade, aprofundando “[...] inteligibilidades sobre o que acontece na vida social” (Bastos; Biar, 2015, p. 98).

Mesmo histórias sobre eventos cotidianos, como a perda de um ente querido, ou memórias de uma infância no interior, carregam elementos macro, como preconceitos, ideais e construções identitárias. Freitas e Lopes (2019, p. 154) explicam essa dupla construção de sentido quando afirmam que “o ato de narrar é ação, é performance, e é nesse ato que construímos os significados sobre quem somos, sobre quem são os outros e sobre o mundo”. Logo, não é um movimento apenas de fora para dentro, no sentido de imposição de valores, mas também de dentro para fora, na medida em que, conforme explicam Bastos e Biar (2015, p. 102), o mundo social é construído interacionalmente, “no âmbito linguístico semântico”.

---

<sup>9</sup> “[...] mode of thought, communication, and apprehension of reality.”

Segundo Flannery (2015), as narrativas podem ser estudadas em diferentes contextos. No campo da Linguística, é possível tanto investigar fenômenos específicos em si mesmos quanto análises mais amplas, como a compreensão de visões de mundo diversas. A autora argumenta que essa possibilidade de estudo se dá porque

Ouvir as histórias de outrem é abrir-se para descobrir um pouco sobre o seu mundo, seja isto viabilizado pelo universo semântico, pela concretude das referências feitas e imagens criadas, seja pela própria linguagem empregada pelos narradores (Flannery, 2015, p. 13).

Segundo a pesquisadora, nos estudos das narrativas orais após Labov, houve uma inclinação para a área da Sociolinguística Interacional, que se embasa na Antropologia e na Sociologia. Biar, Orton e Bastos (2021) descrevem que essa perspectiva analisa o micro interacional, tem uma orientação empírica e é interessada na coconstrução de sentidos. Nesse mesmo trabalho, explicam que, no campo desses estudos, a Análise de Narrativa configura-se como uma ramificação dos estudos interacionais, investigando os momentos em que as pessoas interagem na contação de histórias.

Também caracterizando a área, Bastos e Biar (2015, p. 102-103) explicam que a Análise da Narrativa:

1. Promove o diálogo entre múltiplas áreas do saber;
2. Se debruça sobre a fala dos mais diversos atores sociais, nos mais diversos contextos;
3. Reverbera entendimento do discurso narrativo como prática social constitutiva da realidade;
4. Nega a possibilidade de se delinearem as identidades estereotipadamente como instituições pré-formadas, atentando para os modos como os atores sociais se constroem para fins locais de performance;
5. Avança no entendimento sobre os modos como as práticas narrativas orientam, nos níveis situados de interação, os processos de resistência e reformulação identitária.

Nesse sentido, o campo se abre para uma amplitude de cenários e contextos de investigação. Conforme explica Mira (2019, p. 421), “o desenvolvimento e o interesse pelas narrativas possibilitaram o entendimento dessa realização discursiva a partir dos processos de construção de sentidos que ocorrem no contexto da interação face a face”. A partir da análise das narrativas, a investigação do processo de construção de sentidos sobre o mundo social tornou-se possível.

Entretanto, alguns aspectos devem ser levados em consideração para que as análises feitas sejam validadas. Moita Lopes (2021), em uma retrospectiva sobre as

narrativas como constructo teórico, marca a virada narrativa como um momento decisivo no desenvolvimento da área. O autor afirma que esse marco questionou os modos de fazer pesquisa e, associado ao Sociostrutivismo, postulou uma visão de que as pessoas constituem a si e ao mundo.

Também em referência à virada narrativa, Bastos e Biar (2015, p. 101) explicam que

Passou-se a assumir, a partir de então, que os dados não falam por si, nem descrevem uma realidade; que o conhecimento produzido em campo é sempre produzido por um pesquisador, ele próprio um ator social, que pelas lentes de suas próprias condições identitárias e contextuais, olha seu objeto de uma determinada perspectiva, e constrói sobre o campo da pesquisa uma narrativa única.

Moita Lopes (2021) ressalta que, diante dessa perspectiva, o sujeito deve ser sempre considerado no contexto sócio-histórico em que se insere. Logo, a análise das narrativas desse sujeito permite compreender o mundo que o cerca, por meio de significados sempre situados. Para tanto, é necessária uma proximidade crítica em que os limites do que é tradicionalmente estudado são superados (Moita Lopes, 2021).

Sobre a importância da contextualização, Freitas e Lopes (2019, p. 155) afirmam que

O foco, então, deve ser colocado no processo de contextualização, não tomando o contexto como algo pré-dado e formatado, e deve-se tomar o contexto discursivo-interacional como crucial para a compreensão dos sentidos produzidos naquele momento [...].

Dessa forma, para que uma narrativa seja compreendida, é preciso levar em consideração qual é o contexto em que ela emerge e quem são os envolvidos na interação, uma vez que, como os contextos e participantes podem variar, a narrativa e os sentidos que por meio dela são construídos também mudam (Freitas, 2017).

Outro aspecto destacado por Moita Lopes (2021) é o de que, nos estudos da área, é de suma importância que o pesquisador seja um bom ouvinte e contador de histórias. Biar, Orton e Bastos (2021, p. 247) chamam esse processo de narrativo duplo, em que “operamos a partir de dados narrativos, coproduzidos pelos(as) participantes e interpretarmos esses dados dando forma a outro texto narrativo: o texto de pesquisa”. Nesse contexto, o pesquisador não apenas coleta informações nas entrevistas, mas participa ativa e cooperativamente com os participantes do estudo, interagindo e colaborando na coconstrução de significados.

Seguindo na retrospectiva teórica, Moita Lopes (2021) chega a perspectivas mais atuais, como de De Fina e Georgakopoulou (2012, p. 116, tradução nossa), que apresentam o conceito de pequenas histórias, definindo-as como

[...] um termo guarda-chuva que capta uma gama de atividades narrativas menos representadas, como contar sobre eventos em andamento, eventos futuros ou hipotéticos, eventos compartilhados, mas também alusões a narrativas (anteriores), adiadas e recusadas.<sup>10</sup>

A partir desse conceito, histórias que não eram consideradas como objeto de pesquisa passam a ser passíveis de investigação. O que faz, então, um discurso ser considerado narrativo, segundo as autoras, é a progressão temporal e um enredo com começo, meio e fim, direcionado a uma audiência específica (De Fina; Georgakopoulou, 2012). As autoras explicam que elementos considerados “fixos” ou essenciais nas narrativas, para serem consideradas como tais, são, na realidade, um espectro, podendo estar mais próximas ou distantes de um protótipo. As pesquisadoras utilizam como exemplo principal a narratividade, conceito que se refere a o quanto uma história é “contável”, ou seja, interessante de ser reportada para uma audiência específica, a fim de se atingirem objetivos interacionais variados.

Para darmos conta dessa visão de narrativa, utilizamos como modelo analítico as dimensões da narrativa, propostas por Ochs e Capps (2001), por compreendermos que abarca uma definição mais interacional e não monológica das histórias contadas. As autoras explicam que, ao se utilizar esse ponto de vista de análise, narrativas, em modelos mais canônicos, seriam deixadas de fora das análises. Conforme as autoras, a perspectiva

[...] traz essas narrativas para a luz analítica. Nós examinamos como narrativas conversacionais emergem em trocas conversacionais ordinárias entre os interlocutores, como interlocutores se movem para frente e para trás ao longo do tempo dar fazer sentido aos eventos, como as causas e os efeitos se relacionam somente para serem desmanchados quando os narradores são lembrados ou informados sobre suas inconsistências (Ochs; Capps, 2001, p. 23, tradução nossa).<sup>11</sup>

<sup>10</sup> “[...] an umbrella term that captures a gamut for under-represented narrative activities, such as tellings of ongoing events, future or hypothetical events, shared (known) events, but also allusions to (previous) tellings, deferrals of tellings and refusals to tell.”

<sup>11</sup> “[...] brings these narratives to analytic light. We examine how conversational narratives are launched in ordinary social exchanges among interlocutors move back and forth across time to make sense out of events, how causes and effects are stitched together only to fall apart when narrators are reminded or informed of inconsistencies”.

Por meio da visão horizontal, as autoras propõem que as narrativas sejam caracterizadas por aspectos dimensionais. Os elementos que as compõem são: narração, historiabilidade, encaixe, linearidade e postura moral, como mostra o quadro a seguir.

Quadro 1 – Dimensões da narrativa

Dimensões		Possibilidades
Narração	Um narrador ativo	→ Múltiplos co-narradores ativos
Historiabilidade	Alta	→ Baixa
Encaixe	Isolada	→ Encaixada
Linearidade	Ordem causal e temporal finalizada	→ Ordem causal e temporal aberta
Postura moral	Determinada, constante	→ Indeterminada, fluida

Fonte: Mira e Custodio (2021, p. 1988).

Com essa proposta, Ochs e Capps (2001) defendem que, dentro de um eixo, as histórias podem variar dimensionalmente. A dimensão *Narração* refere-se a o quanto os parceiros conversacionais estão envolvidos na narrativa. Há a possibilidade, então, de que haja um ou mais narradores. Essa variação pode ocorrer por questões culturais ou de acordo com o contexto da interação ou mesmo em casos em que “[...] o narrador pede por ajuda [...]”<sup>12</sup> (Ochs; Capps, 2001, p. 29, tradução nossa). As autoras ressaltam, porém, que, mesmo em casos em que os parceiros se mantenham em silêncio, eles podem atuar como coautores por meio da linguagem corporal, por exemplo.

A *Historiabilidade* consiste na importância do evento a ponto de ele ser interessante de ser narrado. Ochs e Capps (2001), entretanto, explicam que essa dimensão pode variar inclusive no próprio desenrolar da narrativa, conforme os interagentes vão trazendo pontos que podem ser irrelevantes ou mais interessantes na história.

A dimensão *Encaixe* corresponde à articulação da narrativa com a interação de que emergiu. Isto é, o quanto a história está ou não inserida no discurso ou na atividade social em questão. De acordo com as autoras, uma narrativa de experiência pessoal, quando apresenta um alto grau de encaixe, é marcada por características

<sup>12</sup> “[...] a storyteller asks for help [...]”.

como longos turnos de fala sobre um tópico que se relacione ao que era falado anterior e posteriormente. No outro extremo, porém, a emergência das histórias nas interações pode se dar de maneira mais abrupta, desconectada dos tópicos anteriores e marcada por uma alta participação dos outros interlocutores (Ochs; Capps, 2001).

*Linearidade* é um aspecto essencial nas análises de narrativas desde o início dos estudos da área, sendo considerado “[...] um critério fundamental que distingue as narrativas dos outros gêneros do discurso” (Mishler, 2002, p. 2). Nos estudos pioneiros de Labov e Waletzky (1967), o tempo das narrativas era equivalente ao do relógio, ou, conforme explica Mishler (2002, p. 4), “[...] a sequência de episódios no mundo real precisa ser acompanhada pela sequência de orações como de fato elas aparecem na descrição narrativa que representa aquele mundo”.

O autor afirma que, em perspectivas mais contemporâneas, a simples sequência de eventos não pressupõe uma narrativa. Assim, a linearidade é vista como dimensional. Para Ochs e Capps (2001, p. 41, tradução nossa),

A dimensão da *linearidade* se preocupa com a extensão pela qual narrativas de experiência pessoal retratam eventos como transparecendo um caminho único, fechado, temporal e casual, ou, alternativamente, um caminho diverso, aberto e incerto. Narrativas relativamente lineares retratam uma progressão abrangente dos eventos em que um evento temporalmente precede ou casualmente leva a um evento subsequente.<sup>13</sup>

Logo, uma narrativa pode apresentar eventos organizados em uma linha temporal mais fechada e lógica, ou mais aberta e imprevisível. O segundo caso ocorre quando o narrador lembra de outro evento relacionado, confunde-se na ordem dos ocorridos, ou mesmo tem lapsos de memória. Quando as narrativas não-lineares são levadas a análise, há uma abertura para as possibilidades de interpretação e de perspectivas de visões de mundo (Ochs; Capps, 2001).

A próxima dimensão, *Instância Moral*, refere-se ao posicionamento moral assumido pelos narradores. Quando essa dimensão é tomada como ponto de análise, podemos compreender a construção social do que é entendido por bem e mal, aceitável ou não. Logo, as narrativas do dia a dia contribuem para a própria construção e reprodução dos valores morais de uma sociedade.

---

<sup>13</sup> “The dimension of *linearity* concerns the extent to which narratives of personal experience depict events as transpiring in a single, closed, temporal, and casual path or, alternatively, in diverse, open, uncertain paths. Relatively linear narratives depict an overarching progression of events in which one event temporally precedes or casually leads to a subsequent event”.



Narradores de experiência pessoal avaliam protagonistas como agentes, cujas ações, pensamentos e sentimentos são interpretados à luz de noções locais de bondade. Narradores normalmente moldam a narrativa para fazer seu próprio comportamento parecer moralmente superior ao de outro protagonista (Ochs; Capps, 2001, p. 47, tradução nossa).<sup>14</sup>

Em suma, nas narrativas, ocorre uma construção da imagem do narrador e dos personagens envolvidos, de tal forma que valores morais ficam mais ou menos marcados. Nem sempre, porém, esse posicionamento se mantém fixo ao longo de toda a história, podendo haver, conforme Ochs e Capps (2001), casos em que os valores ficam mais incertos ou fluidos.

Entretanto, mesmo nessas ocasiões, a coconstrução com os outros participantes da interação pode levar a uma perspectiva moral. Nessas interações também podem ocorrer divergências entre os interlocutores, levando a um embate moral em aspectos específicos. Ou seja, ainda que as narrativas sejam veículos de construção moral, Ochs e Capps (2001) ressaltam que esses valores não são fixos e podem ser tanto construídos quanto postos em xeque nas interações.

A partir dessa breve explicação, podemos perceber que a análise das narrativas de forma dimensional permite uma visão mais ampla das histórias, havendo uma combinação de elementos. Por exemplo, uma mesma narrativa pode ter momentos de maior narração monológica permeados por outros, de maior coconstrução entre os interlocutores. Mais especificamente, nesta pesquisa, pretendemos analisar a instância da postura moral, que se refere à presença de valores morais nas narrativas.

Além disso, acreditamos que essa perspectiva é coerente com o contexto em que esta pesquisa é desenvolvida na medida em que permite que histórias com características mais fluidas sejam consideradas. Ainda que pessoas acometidas pela DA tenham dificuldades na construção das narrativas, por exemplo, no acesso lexical ou na concentração durante a interação, essas histórias podem ser compreendidas como manifestações de valores morais e de construção de sentido no mundo social (Karlsson *et al.*, 2014). Segundo Hydén (2018, p. 5-6, **tradução nossa**),

Contar histórias ainda é uma atividade relevante para a pessoa com demência em todas as diferentes fases do processo da doença, pela simples razão de que tanto a pessoa com a demência quanto outros membros da

---

<sup>14</sup> "Narrators of personal experience evaluate protagonists as moral agents, whose actions, thoughts, and feelings are interpreted in light of local notions of goodness. Narrators often shape the narrative to make their own comportment appear morally superior to that of another protagonist".

família têm muito de sua identidade investida nas histórias do cotidiano, e todos continuam a contar histórias, mesmo quando a pessoa com demência tem graves problemas para animar histórias.<sup>15</sup>

Mesmo tendo de contornar as dificuldades causadas pela demência, o narrar continua sendo uma atividade importante no sentido de permitir que a pessoa acometida pela DA participe ativamente das interações, construindo sentido sobre si e sobre o mundo do qual faz parte. Dessa forma, quando se busca ouvir uma pessoa com a demência, consegue-se compreender como ela faz esse movimento de construção de sentido de si para além do diagnóstico da DA (Mira; Custodio, 2022). Conforme os autores,

participar de interações cotidianas e poder contar histórias é uma forma da pessoa com DA ressignificar suas experiências e uma identidade que está continuamente se constituindo e sendo parte das diversas práticas sociais em que nos engajamos cotidianamente (Mira; Custodio, 2022, p. 13).

Diante dessa relevância, compreendemos que, a partir de uma perspectiva sociointeracional das narrativas, é possível considerar e valorizar essas diferentes formas de narrar que, por mais que não sigam um padrão rígido, ainda contam histórias que contribuem para a formação identitária e para a construção da visão de mundo das pessoas acometidas pela DA.

---

<sup>15</sup> "Storytelling is still a relevant activity for a person with dementia at all different stages of the disease process, for the simple reason that both a person with dementia and other family members have much of their identity invested in everyday stories, and everyone continues to tell stories, even when the person with dementia has serious problems animating stories."

#### 4 NARRATIVA E IDENTIDADE

Conforme exploramos brevemente no capítulo anterior, há uma relação estreita entre a construção de identidades e as narrativas. Mira e Custodio (2022, p. 2) dizem:

Narrativa e identidade estão intimamente ligadas. As histórias são produções discursivas pelas quais as pessoas se representam no mundo social. Pelo seu caráter performativo, ao narrar não apenas expressamos uma visão de nós mesmos, mas construímos significados sobre quem é este que performa, sobre o outro e sobre o mundo.

Essa visão é amparada pela perspectiva sociointeracionista da linguagem, segundo a qual o mundo social é formado por significados não dados, mas construídos nas interações. Assim como os significados, as identidades, nessa perspectiva, não são estanques ou prévias à interação, mas construídas ao longo dela.

Os estudos identitários têm se tornado um terreno fértil no campo da Linguística. Entretanto, existem diferentes bases teóricas que constituem o conceito de identidade, abarcando áreas como a Psicologia e a Filosofia, por exemplo. A fim de sintetizar as teorias fundantes da área, Bucholtz e Hall (2005) revisam as concepções que embasam o conceito de identidade no campo sociointeracional. As autoras propõem cinco princípios fundamentais no estudo das identidades, nessa perspectiva: emergência, posicionalidade, indexicalidade, relacionalidade e parcialidade.

O primeiro princípio, da emergência, refere-se à ideia de que a identidade não é algo estanque, que existe previamente na mente do indivíduo e somente é representada pela linguagem. Ao contrário, a identidade somente existe quando emerge no e pelo discurso, em um processo de contínua construção e reconstrução, a depender da interação em que se dá. Dessa forma, as autoras postulam que “Identidade é melhor vista como o produto emergente do que uma fonte pré-existente de linguagem ou outras práticas semióticas e, portanto, como fundamentalmente um fenômeno social e cultural”<sup>16</sup> (Bucholtz; Hall, 2005, p. 188, tradução nossa).

Como indicam Bucholtz e Hall (2005), o primeiro teórico a expor essa ideia de emergência foi Hymes (1975), quando apresentou a concepção de performance discursiva. Conforme suas pesquisas, durante os eventos discursivos, as pessoas

---

<sup>16</sup> “Identity is best viewed as the emergent product rather than the pre-existing source of linguistic and other semiotic practices and therefore as fundamentally a social and cultural phenomenon”.

atuam performativamente, assumindo papéis de maneira dialógica, e não monológica. Em outras palavras, levam em consideração seus interlocutores na construção desses papéis. Posteriormente, os estudos de Hymes foram base para Bauman e Briggs (1990), que defendem a ideia de que a performance emerge no decorrer dos encontros interacionais.

A construção da identidade abarca elementos culturais amplos, dá-se por meio da linguagem e não existe previamente aos eventos discursivos de que emerge. Apesar da complexidade que a envolve, as autoras reforçam que a “identidade é discursivamente produzida mesmo nas situações mais mundanas e banais”<sup>17</sup> (Bucholtz; Hall, 2005, p. 589, tradução nossa). Logo, mesmo sendo um fenômeno bastante complexo, sua emergência é natural nas interações.

O segundo princípio, do posicionamento, contrapõe-se à ideia de que identidade corresponde somente a uma coleção de categorias sociais pré-definidas. Bucholtz e Hall (2005, p. 589, tradução nossa) explicam que “Identidades abarcam (a) categorias demográficas de nível macro; (b) posições culturais locais e etnograficamente específicas; e (c) instâncias e papéis dos participantes específicos temporal e interacionalmente”.<sup>18</sup>

Quando constrói sua identidade ao longo das interações, o indivíduo não apenas toma para si categorias pré-definidas como, por exemplo, de mulher, de mãe ou de trabalhadora. As autoras, exemplificam com uma conversa entre adolescentes estadunidenses, cujas falas contêm marcas linguísticas que reforçam sua idade e identidade nesse grupo etário (Bucholtz; Hall, 2005). Além disso, elementos culturais como autoridade e legitimidade de fala também são levados em consideração.

Podemos pensar aqui em situações interacionais em que a fala de uma pessoa pode ser considerada menos relevante do que a de outra por seu gênero, posição hierárquica ou até mesmo raça. Um exemplo dessas diferenças de validação é o apresentado por Bauer e Trudgil (1998) que, ao explorarem o mito de linguagem sobre mulheres falarem mais do que homens, citam diferentes pesquisas desenvolvidas ao redor do mundo, as quais comprovam que, em interações entre homens e mulheres, os homens têm mais turnos de fala em contextos discursivos mais formais.

---

<sup>17</sup> “[...] identity is discursively produced even in the most mundane and unremarkable situations.”

<sup>18</sup> “Identities encompass (a) macro-level demographic categories; (b) local, ethnographically specific cultural positions; and (c) temporary and interactionally specific stances and participant roles”.

Outro aspecto relevante, ainda relativo ao segundo princípio, é o papel que o falante assume na interação. Por exemplo, ao narrar uma história, ele pode assumir uma identidade de vítima e colocar o outro personagem como vilão. As pesquisadoras ressaltam, porém, que essas categorias não são estanques e nem pré-definidas, podendo variar conforme a interação em que emergem.

O terceiro princípio, da indexicalidade, é, para Bucholtz e Hall (2005), o primeiro que se refere à forma como a identidade é de fato construída. Como destacam as autoras, o processo de construção identitária se dá por meio da formação de ligações semióticas entre formas linguísticas e significados sociais. Embasando-se em Ochs (1992) e Silvesterin (1985), Bucholtz e Hall (2005, p. 594, tradução nossa) explicam:

Relações identitárias emergem na interação por meio de diversos processos indexicais interrelacionados, incluindo: (a) menção explícita de categorias e rótulos identitários; (b) implicaturas e pressuposições a respeito da posição identitária de si ou de outro; (c) disposição de orientações avaliativas e epistêmicas da fala, assim como das bases interacionais e dos papéis de participantes; e (d) uso de estruturas linguísticas e sistemas que são ideologicamente associados a pessoas e grupos específicos.<sup>19</sup>

Com essa definição, as autoras deixam explícito que, ainda em momentos em que o falante faz referência a categorias sociais específicas, elas só fazem sentido, pois estão imbricadas em um discurso maior e recorrente na sociedade. Logo, essas categorias não existem *a priori*. Só fazem sentido por estarem associadas a outras formas linguísticas e significados sociais conhecidos pelos participantes da interação.

O terceiro princípio também reforça que, ainda em momentos em que o falante não usa uma categoria social específica, ao usar determinadas estruturas linguísticas para se referir a si ou a outro na interação, ele também faz uso desse sistema de ligações semióticas. Isso se dá, conforme exemplificam as autoras, por meio de, inclusive, uso de dialetos que marcam o pertencimento de um indivíduo a uma comunidade específica.

O quarto princípio, da relacionalidade, está intimamente ligado ao terceiro. Nele, as autoras postulam que “Identidades são construídas intersubjetivamente por meio de muitas, e, frequentemente, sobrepostas, relações complementares, incluindo

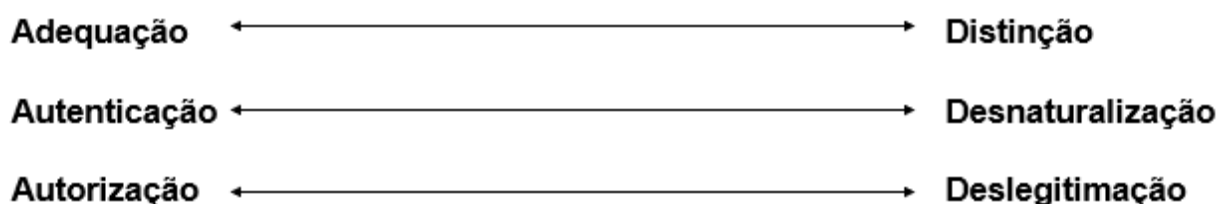
---

<sup>19</sup> “Identity relations emerge in interaction through several related indexical processes, including: (a) overt mention of identity categories and labels; (b) implicatures and presuppositions regarding one’s own or others’ identity position; (c) displayed evaluative and epistemic orientations to ongoing talk, as well as interactional footings and participant roles; and (d) the use of linguistic structures and systems that are ideologically associated with specific personas and groups”.

similaridade/diferença, genuinidade/artificialidade, e autoridade/deslegitimação”<sup>20</sup> (Bucholtz; Hall, 2005, p. 598, tradução nossa).

Por meio da rede de relações semióticas que é explicada no terceiro princípio, o indivíduo vai, colaborativamente, construindo significado na troca com seus interlocutores a respeito de sua própria identidade e a do outro. Com isso, diferentes dimensões de o quanto ele se relaciona com essas identidades são construídas. Bucholtz e Hall (2005) denominam esse fenômeno como “táticas de intersubjetividade”, que seriam divididas em pares correspondentes a extremos de uma linha dimensional, conforme a figura a seguir.

Figura 4 – Táticas de intersubjetividade



Fonte: Elaboração nossa com base em Bucholtz e Hall (2005).

O primeiro par, adequação e distinção, corresponde à relação que se estabelece entre o quanto do indivíduo é similar e o quanto é diferente dos demais integrantes de um determinado grupo. A adequação, portanto, são as características do indivíduo que são similares, enquanto a distinção são suas particularidades. Vale ressaltar que, por se tratar de uma dimensão, o falante vai variando nesse eixo, dependendo de seus objetivos interacionais específicos.

O par autenticação e desnaturalização coloca em questão o quanto dessas características individuais e coletivas corresponde à realidade, ou não. Realidade aqui, vale ressaltar, é definida pelas autoras como discursivamente verificável, uma vez que compreendem que se trata de uma construção interacional. Dessa forma, temos, em um polo, o que pode ser comprovado discursivamente e, no outro extremo, o quanto essas relações de similaridade podem ser interrompidas também por discursos que as subvertem (Bucholtz; Hall, 2005).

<sup>20</sup> “Identities are intersubjectively constructed through several, often overlapping complementary relations, including similarity/difference, genuineness/artifice, and authority/delegitimacy.”

O par autorização e deslegitimação, por sua vez, investiga como elementos estruturais e institucionais corroboram para a construção identitária do indivíduo. A autorização “envolve a afirmação ou a imposição de uma identidade por meio de estruturas institucionalizadas de poder e de ideologia, sejam locais ou translocais”<sup>21</sup> (Bucholtz; Hall, 2005, p. 603, tradução nossa), enquanto a deslegitimação são “as maneiras pelas quais identidades são refutadas, censuradas ou, simplesmente, ignoradas pelas mesmas estruturas”<sup>22</sup> (Bucholtz; Hall, 2005, p. 603, tradução nossa). Sendo opostas, as duas faces desse par correspondem à forma como estruturas maiores ao indivíduo, as instituições e ideologias, autorizam ou não que uma identidade seja assumida discursivamente.

Para apresentarmos um exemplo ligado ao contexto desta pesquisa, podemos pensar que, muitas vezes, nas interações com pessoas acometidas pela DA, são usados termos mais infantilizados, como é o que demonstra o estudo de Sabat, Napolitano e Fath (2004). Os autores analisam a maneira como a construção identitária de uma pessoa com a DA pode ser deslegitimada nas interações e explicam que, como por vezes a pessoa é acometida também por problemas de fala, ela depende da colaboração dos demais participantes da interação nessa construção.

Se seu interlocutor a reduz a seu diagnóstico, tudo o que a pessoa fez e foi antes da doença é apagado, deixado de lado, e ficam reforçados somente os fatores limitantes que a patologia causa. Sabat, Napolitano e Fath (2004, p. 184, tradução nossa) sugerem que, nas interações com alguém com DA, é importante que se valorize seu espaço de fala e que se dê “o benefício da dúvida ao reagir sobre o que a pessoa com DA fala sobre as suas experiências”<sup>23</sup>. Isto é, ainda que o relato não pareça verossímil, quando o interlocutor “embarca” na narrativa contada e a valida, a outra pessoa consegue construir sua identidade na narrativa.

Chegamos, por fim, ao quinto princípio de estudo da identidade apresentado por Bucholtz e Hall (2005). O princípio da parcialidade refere-se à ideia de que toda identidade construída na interação é apenas um fragmento do indivíduo. Essa ideia vai contra a concepção de uma identidade única e imutável. Sua origem se deu nos

---

<sup>21</sup> “[...] involves the affirmation or imposition of an identity through structures of institutionalized power and ideology, whether local or translocal”.

<sup>22</sup> “[...] addresses the ways in which identities are dismissed, censored, or simply ignored by these same structures”.

<sup>23</sup> “[...] giving the benefit of the doubt when reacting to what the person with AD says about his or her experiences”.

estudos da Antropologia e do Feminismo das últimas duas décadas. As autoras apontam os trabalhos de Behar e Gordon (1995) e de Visweswaran (1994) como exemplos de pesquisas etnográficas as quais demonstram que, como a identidade é sempre construída na intersubjetividade, ao se mudar o contexto interacional, também se mudam as identidades a serem construídas nas trocas.

Dessa forma, por conta da inerência relacional na construção identitária, não podemos afirmar que cada indivíduo tenha uma identidade única, mas diferentes formas de construção mobilizadas, a dependerem das interações em que os indivíduos estão inseridos. Bucholtz e Hall (2005, p. 606, tradução nossa) postulam que

Qualquer construção identitária dada pode ser, em parte, deliberada e intencional, em parte habitual e, por isso, normalmente menos do que totalmente consciente, em parte o produto de uma negociação e contestação interacional, em parte o produto das percepções e representações do outro, em parte o efeito de um processo ideológico e de estruturas materiais maiores que podem se tornar relevantes na interação. A identidade está, portanto, constantemente mudando conforme a interação se desenrola e através dos contextos discursivos.<sup>24</sup>

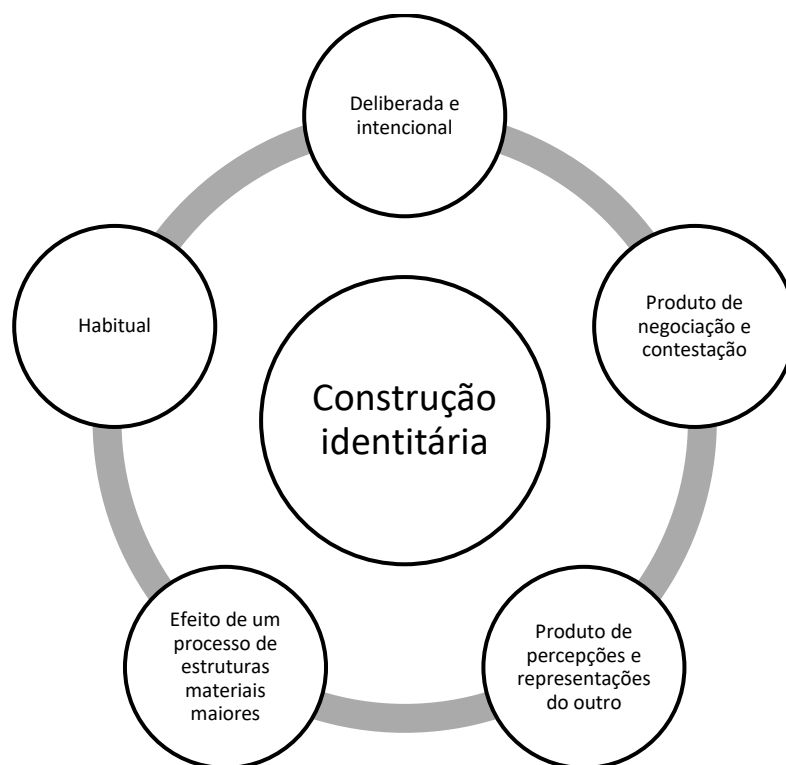
Por sua natureza relacional e complexa, a construção identitária, a depender dos elementos interacionais em questão, gerará produtos diferentes, estando em constante mudança. Na citação, as autoras sumarizam os elementos em jogo no processo da construção identitária. Ilustramos, na Figura 5, esses aspectos.

Figura 5 – Elementos da construção identitária

---

<sup>24</sup> “Any given construction of identity may be in part deliberate and intentional, in part habitual and hence often less than fully conscious, in part an outcome of interactional negotiation and contestation, in part an outcome of others’ perceptions and representations, and in part an effect of larger ideological processes and material structures that may become relevant to interaction. It is therefore constantly shifting both as interaction unfolds and across discourse contexts.”



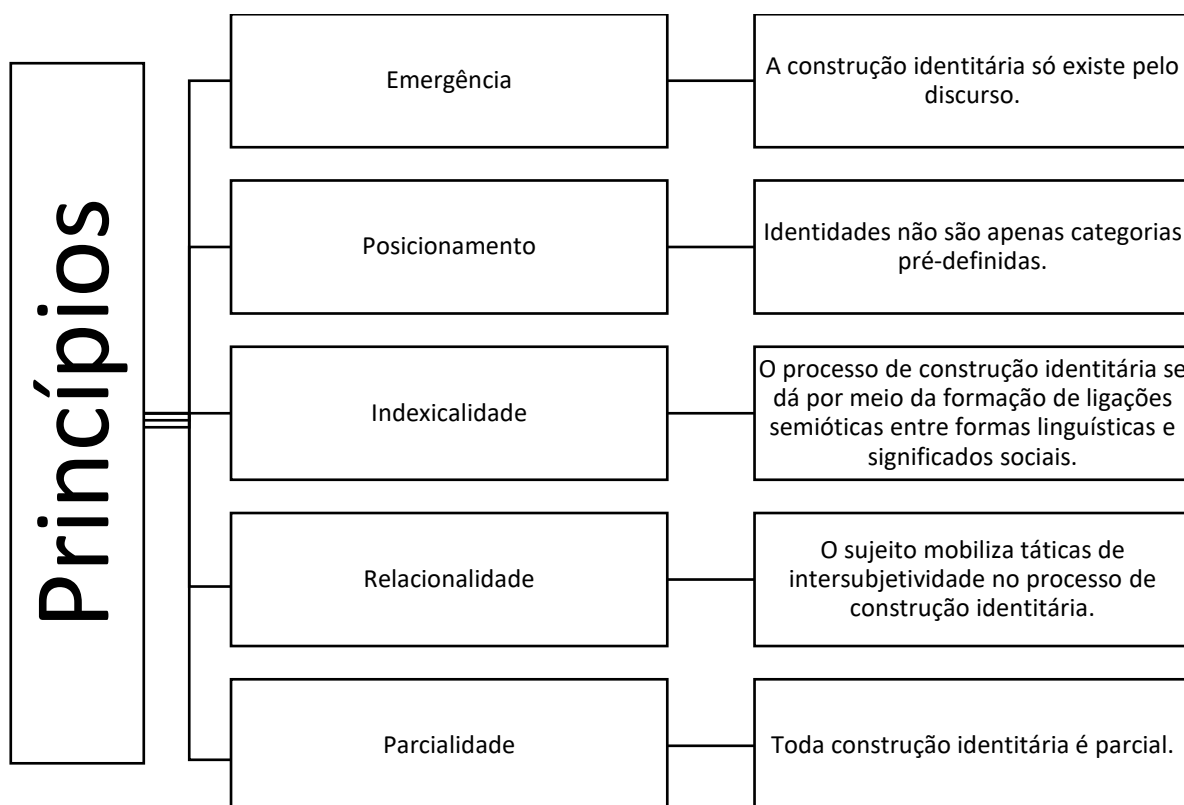


Fonte: Elaboração nossa, com base em Bucholtz e Hall (2005).

A intenção da Figura 5 é demonstrar, visualmente, de que modo os elementos apresentados pelas autoras como parte do processo de construção identitária estão imbricados entre si. Portanto, ao alterarmos algum dos pontos, necessariamente a identidade construída na interação será diferente.

Para sumarizar os postulados apresentados neste capítulo, desenvolvemos a Figura 6, com a breve descrição dos princípios da construção identitária.

Figura 6 – 5 princípios da construção identitária



Fonte: Elaboração nossa, com base em Bucholtz e Hall (2005).

Os princípios da construção identitária e a concepção de narrativas que assumimos nesta pesquisa, conforme explicamos no capítulo anterior, estão em consonância com a proposta de Bamberg (1997). Nesse trabalho, o autor explica que o termo “narrativa”, cunhado pelos trabalhos de Labov e Waletzky (1967), pode ser interpretado tanto como uma representação do real quanto pelo viés de construção do sentido no geral. Na segunda possibilidade, temos o que o autor chama de “uma abordagem mais baseada na performance pragmática da narrativa e da análise da narrativa”<sup>25</sup> (Bamberg, 1997, p. 335, tradução nossa), em que o foco recai sobre o modo como o narrador se posiciona na performance narrativa.

Bamberg (1997) propõe uma análise do posicionamento discursivo. Segundo o autor, fazendo referência a Davies e Harré (1990), quando interagimos socialmente, estamos sempre nos posicionando; assim, essa é uma prática discursiva. Dessa forma,

[...] em conversações – por conta a força social intrínseca da conversa – as pessoas posicionam a si mesmas em relação às demais de formas

<sup>25</sup> “[...] a more performed-based pragmatic approach to narrative and narrative analysis”.

tradicionalmente definidas como papéis. Mais importante, fazendo isso, as pessoas “produzem” umas às outras (e a si mesmas) situacionalmente como “seres sociais” (Bamberg, 1997, p. 336, tradução nossa).<sup>26</sup>

De forma natural, quando as pessoas interagem, elas atribuem papéis sociais a si e às demais envolvidas, de forma a construir um sentido para o que estão narrando. A fim de elaborar uma metodologia de análise, Bamberg e Georgakopoulou (2008) retomam os níveis elaborados por Bamberg (1997) e estabelecem etapas a serem seguidas em cada nível. Ilustramos essa metodologia no Quadro 2.

Quadro 2 – Etapas metodológicas para análise dos níveis de posicionamento

Nível	Definição	Etapa metodológicas
1	Como os personagens são posicionados na história.	Identificação dos personagens; relação dos personagens entre si.
2	Como o narrador se posiciona na interação.	Identificação da narrativa na interação; identificação da pergunta que originou a narrativa; análise da relação entre todos os envolvidos na interação.
3	Como o narrador se posiciona em relação a discursos recorrentes na sociedade.	Identificação dos elementos que apontam para discursos recorrentes na sociedade; identificação da forma como o narrador se posiciona em relação a esses discursos (adere, refuta etc.).

Fonte: Elaboração nossa com base em Bamberg e Georgakopoulou (2008).

No primeiro nível, os personagens da narrativa são posicionados um em relação ao outro nos eventos reportados, podendo assumir papéis como protagonistas, antagonistas, predadores ou vítimas. Assim, quando narramos, “marcamos a nós mesmos como diferentes, semelhantes ou iguais em relação aos

<sup>26</sup> “[...] in conversations – due to the intrinsic social force of conversing – people position themselves in relation to one another in ways that traditionally have been defined as roles. More importantly, in doing so, people ‘produce’ one another (and themselves) situationally as ‘social beings’”.

demais”<sup>27</sup> (Bamberg, 2012, p. 204, tradução nossa). O enfoque é, portanto, o universo da narrativa.

As etapas metodológicas a serem seguidas, assim, são de identificação dos personagens e da relação que se estabelece entre eles. Por exemplo, se assumem papéis de vítimas, vilões ou heróis na história. Dessa forma, quando analisamos esse nível, podemos compreender quem são os personagens e qual o tema da história em questão (Bamberg; Georgakopoulou, 2008).

No segundo nível, o narrador se posiciona em relação à audiência, utilizando características do discurso particular que está sendo empregado. A relação, nesse nível, é feita para além do universo narrativo. Aqui, o que está em jogo é a interação em si, a forma como o narrador se coloca em relação a seu interlocutor. Bamberg (2012) define esse dilema como “pessoa-para-mundo” e “mundo-para-pessoa”, em que o posicionamento do narrador rompe os limites da narrativa e chega à relação que estabelece com seu interlocutor, podendo assumir um papel mais agentivo ou mais passivo, por exemplo.

As etapas metodológicas correspondem à identificação da narrativa na interação e a compreensão da forma como emergiu nessa interação. Por vezes, uma história pode surgir a partir de uma pergunta ou de algum tópico, por exemplo. O objetivo é compreender qual foi a intencionalidade do narrador em levar aquela história à interação. Com isso, a audiência passa a fazer parte da análise e do evento discursivo de que a narrativa emergiu.

No terceiro nível, por fim, o narrador posiciona a si mesmo em relação a discursos recorrentes na sociedade. Segundo Bamberg (2012), podemos variar entre um posicionamento constante, em que o narrador manteve sua identidade intacta antes e depois do evento narrado; em uma grande transformação, em que houve uma mudança interna, para melhor ou pior; ou após o ocorrido e sua narração. O que está em foco são os discursos mobilizados na narrativa.

Nessa perspectiva, há uma relação estreita entre a narrativa e o processo de construção identitária. Segundo Bamberg (2011, p. 7, tradução nossa)

A narrativa, como uma atividade discursiva que faz proposições em relação à pergunta quem sou eu, exige a ordenação dos personagens no tempo e no

---

<sup>27</sup> “[...] mark ourselves as different, similar or [...] the same with respect to others”.

espaço; por isso, tem-se defendido que este é um gênero privilegiado para a construção identitária [...].<sup>28</sup>

A narrativa, como destaca Bamberg (2011), por suas características próprias, é um terreno de construção constante de significados do mundo e da identidade, uma vez que, ao contextualizar temporal e espacialmente os personagens da história em questão, o narrador também constrói sentido sobre si e sobre os demais. O autor, porém, ressalta que esse processo não se limita ao verbal. A construção identitária nas narrativas é intimamente ligada ao contexto interacional de que emergem. Dessa forma, a análise de posicionamento “estuda como as pessoas, como atores agentes, posicionam a si mesmas e, fazendo isso, são posicionadas”<sup>29</sup> (Bamberg, 2011, p. 10, tradução nossa), permitindo uma compreensão da forma como o mundo social e, conseqüentemente, as identidades são construídas pelo discurso.

Com a convergência dessas duas perspectivas, a de Ochs e Capps (2001) e a de Bamberg (1997), buscamos uma análise mais aprofundada das narrativas de mulheres acometidas pela DA. Compreendemos que os modelos complementam-se e se fundem na medida em que ambos chegam a uma compreensão da postura moral (Ochs; Capps, 2001) e do processo de construção identitária (Bamberg, 1997, 2011) em narrativas, partindo de elementos estruturais até uma compreensão ampliada dos valores e discursos sociais que permeiam as narrativas.

---

<sup>28</sup> “Narrating, as a speech activity that makes claims vis-à-vis the who-am-I question, requires the ordering of characters in space and time; thus it has been argued to be a privileged genre for identity constructions [...]”.

<sup>29</sup> “[...] studies how people as agentive actors position themselves – and in doing so become positioned.”

## 5 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se pela abordagem qualitativa. Segundo Creswell (2010), esse tipo de pesquisa busca compreender os significados atribuídos pelas pessoas a problemas sociais de uma forma aprofundada. Paiva (2019), em referência a Flick (2007), acrescenta que o cenário para a realização dessas investigações é o próprio mundo real, a fim de que se busque, em um movimento do micro para o macro, levar inteligibilidade aos fenômenos sociais.

Quanto ao método, esta é uma pesquisa narrativa. Segundo Paiva (2019, p. 90), esse tipo de estudo qualitativo permite que possamos “entender os fenômenos que buscamos investigar”. O foco é compreender como ocorre o processo de construção das narrativas, e não a veracidade dos fatos (Paiva, 2019). Ou seja,

[...] nós, como pesquisadores de narrativas, estamos interessados em como as atividades de contar histórias são (contextualmente) encaixadas, em que consistem e em como podemos usar sua forma, conteúdo e contexto como deusas para a interpretação do que uma história significou – o que foi usado para isso e a quais propósitos pretendia servir<sup>30</sup> (Bamberg, 2012, p. 203, tradução nossa).

A forma de geração dos dados se deu por meio de entrevistas sem tópico pré-definido, que se caracterizavam por um tom mais próximo ao de uma conversa informal do que ao de uma entrevista de fato. Dessa forma, utilizamos a noção de entrevista como um evento discursivo, conforme a proposta de Mishler (1986). Segundo o autor, por serem um evento discursivo, as entrevistas implicam expectativas dos participantes da interação sobre progressão temática e tomada de turnos. Porém, como ressalta, o simples fato de saber nomear um evento discursivo não garante que os interagentes prevejam como ocorrerá, pois “eventos discursivos são realizados na ação”<sup>31</sup> (Mishler, 1986, p. 45, tradução nossa). Dessa forma, compreendemos que a construção do sentido nas interações ocorre de maneira conjunta e, no caso das entrevistas narrativas, entre pesquisador(a) e participante.

Essa perspectiva também está de acordo com a visão contemporânea de entrevistas apresentada por Bastos e Santos (2013). Segundo os autores, essa forma

---

<sup>30</sup> “We, as narrative researchers, are interested in how storytelling activities are (contextually) embedded, what they consist of, and how we can use their form, content, and context as cues for interpreting what a story meant – what was used for this and what purposes it was intended to serve.”

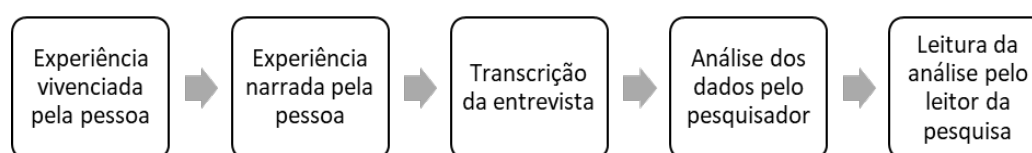
<sup>31</sup> “Speech activities are realized in action”.

de geração de dados parte da experiência de mundo tanto do pesquisador quanto do participante, em um processo colaborativo. Biar, Orton e Bastos (2021, p. 237) complementam, explicando que “[...] as entrevistas nos interessam porque põem atores sociais – pesquisadores e demais participantes – em relação, fazendo emergir narrativas também orientadas para essa relação”. Também alinhados a essa perspectiva, Freitas e Lopes (2017, p. 308) afirmam que

Entrevistas, como metodologia de investigação, não são apenas uma forma de obter informação sobre quem somos performativamente aqui e agora, elas são constitutivas de nossas vidas cotidianas (Gubrium e Holstein, 2003), se compreendidas [...] como um evento social construído na interação (Bastos e Santos, 2013).

Bastos e Santos (2013), no livro *Entrevista na pesquisa qualitativa*, explicam a metodologia das entrevistas sob a perspectiva de Mishler (1986). Os pesquisadores apresentam cinco níveis dessa forma de geração e interpretação de dados, conforme ilustra a Figura 7. No primeiro, a experiência é vivenciada pela pessoa, ou seja, refere-se ao momento vivido pelo participante da pesquisa. No segundo, a experiência é narrada, o que corresponde a um retorno a essa vivência. São as entrevistas em si que possibilitam que essas narrativas emergjam. No terceiro, a entrevista é transcrita, a fim de que possa ser fixada em texto, o que possibilita sua análise, que, por sua vez, corresponde ao quarto nível. Por fim, a leitura dos dados, juntamente com a análise do pesquisador, compõe o quinto nível, que seria a leitura da experiência por parte do leitor da pesquisa.

Figura 7 – Níveis de interpretação da entrevista narrativa



Fonte: Elaboração nossa com base em Bastos e Santos (2013).

Ao longo de todo o processo metodológico, o pesquisador e o participante atuam colaborativa e ativamente na construção dos sentidos na interação. Assim, alinhamo-nos com Bastos e Santos (2013) quando afirmam que, sendo eventos

discursivos, as entrevistas permitem tanto a emergência de narrativas quanto a performance de identidades e valores sociais.

Como apontam os mesmos autores, na sequência da geração das entrevistas, ocorre o processo de transcrição. Essa etapa, apesar de ser bastante trabalhosa, é de suma importância para a realização da pesquisa, não apenas por ser necessária para validar análises e interpretações (Mishler, 1986), como também para permitir uma aproximação com os dados, uma vez que é considerada parte do processo de análise (Biar; Orton; Bastos, 2021).

Mishler (1986) aponta duas questões da etapa de transcrição consideradas nesta pesquisa: a necessidade de se revisitarem as transcrições ao longo do tempo e de se estabelecerem convenções que estejam em consonância com o arcabouço teórico e o objetivo da pesquisa.

No segundo ponto, buscamos embasamento em Biar, Orton e Bastos (2021, p. 238), que ressaltam a importância de “[...] achar um equilíbrio entre a necessidade de incrementar a qualidade da transcrição e a legibilidade do texto para interlocutores gerais”, de forma a contribuir com a democratização do conhecimento gerado na Linguística Aplicada. Assim, utilizamos a adaptação de Mira e Custodio (2019) das convenções apresentadas por Marcuschi (1986).

A partir da geração e da transcrição dos dados, realizamos uma análise das narrativas seguindo as propostas das dimensões da narrativa de Ochs e Capps (2001) e dos níveis de posicionamento de Bamberg (1997), conforme explicamos nos capítulos anteriores. Com a combinação dessas teorias, buscamos compreender de que forma a postura moral das participantes da pesquisa emerge das narrativas e como ela está ligada à construção identitária dessas mulheres.

## 5.1 PARTICIPANTES

Para esta pesquisa, estabeleceram-se como critérios de inclusão a necessidade de a participante identificar-se como sendo do gênero feminino, ter sido diagnosticada com a DA há mais de dois anos e estar em uma fase moderada da doença. Chegamos a três mulheres. Seus nomes fictícios são Vera, Rúbia e Luíza, e foram escolhidos pelas participantes ou por seus familiares, nos casos em que não



conseguiram compreender o pedido<sup>32</sup>. Coincidentemente, cada uma das escolhas se deu como uma homenagem a outras mulheres que fizeram ou fazem parte da vida das participantes (irmã, filha e neta, respectivamente).

As entrevistas foram conduzidas pela pesquisadora, autora desta dissertação, e os dados, gerados para esta pesquisa em específico. Tendo em vista que, na época da geração, as transcrições poderiam ser usadas por outras pessoas do então grupo de pesquisa, o nome da pesquisadora também foi trocado para Marina, a fim de preservar sua identidade em caso de uso dos dados por outros pesquisadores.

Normalmente, para iniciar a interação, a pesquisadora perguntava sobre o dia das participantes. Também, quando havia momentos de silêncio, ela fazia outras perguntas, que pudessem fazer emergir narrativas como “com quem a senhora morava quando criança?”, “a senhora é casada?”, “a senhora tem filhos?” etc. Entretanto, é importante ressaltar que as perguntas não eram previamente organizadas, e sim feitas conforme a interação fluía.

Os percursos metodológicos para a geração dos dados e perfis das participantes são detalhados a seguir.<sup>33</sup>

#### 5.1.1 Rúbia

O contato com Rúbia também foi feito a partir de uma amiga da pesquisadora. Ela tem 77 anos e reside em uma cidade do Sul do Brasil. Foi diagnosticada há 5 anos, após os parentes terem percebido lapsos de memória recente. Ela vive com sua filha e recebe apoio de uma cuidadora durante a semana. Nos fins de semana, os demais familiares revezam-se nos cuidados. Ela precisa de auxílio em atividades como preparo do banho e de refeições, porém consegue fazê-las sozinha. Não pratica atividades físicas nem tem acompanhamento de especialistas, como fisioterapeuta ou fonoaudiólogo.

Os principais sintomas que ela apresenta, relativos à DA, são a perda de memória recente, perceptível na interação, uma vez que repete perguntas, informações e histórias, por diversas vezes, ao longo da entrevista. Também tem

---

<sup>32</sup> A identidade e o anonimato das participantes foram preservados durante toda a geração e transcrição dos dados, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado, aprovado pelo CAAE sob o protocolo n. 53242221.5.0000.534, no Comitê de Ética da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

<sup>33</sup> A idade e o tempo de diagnóstico das participantes são relacionados ao momento da geração dos dados.

dificuldade de manter a atenção na conversa e de compreender alguns enunciados, especialmente quando são feitas referências a pessoas externas à interação ou perguntas diretamente a ela.

Com Rúbia, logo na primeira visita, já foi possível gerar dados, uma vez que, por receber visitas diariamente de seus familiares e conhecidos, ela está bem acostumada a conversar com pessoas “estranhas” (ou conhecidas, mas que, por conta da DA, acaba não reconhecendo). A participante foi bem receptiva e, apesar de ter pedido várias vezes para repetir informações ou ter contado mais de uma vez a mesma história, conseguiu interagir bastante com a pesquisadora.

Segundo a neta, familiar por meio da qual a pesquisadora conseguiu o contato, Rúbia era bastante comunicativa e independente. Gostava de sair para caminhar, ia sozinha ao mercado quase diariamente, dirigia, limpava a casa e fazia doces e sobremesas. Por muito tempo, participou de grupos de oração e chegou a participar várias vezes de missas na igreja próxima a sua casa, realizando as leituras.

Além da DA, Rúbia também convive com problemas auditivos, dificultando ainda mais as interações. Apesar disso, é muito comunicativa e interessada, demonstrando interesse na conversa e na pesquisadora. Chamou à atenção o quanto ela falava sobre seus filhos, netos e bisneto, especialmente em relação aos estudos e profissões que seguiram. Sempre foi dona de casa e não completou o ensino fundamental; entretanto, gosta de ler e busca manter-se informada. É bastante religiosa e assiste à missa diariamente. Nasceu no interior, casou-se jovem e é divorciada, não tendo se casado novamente.

#### 5.1.2 Luísa

O acesso a Luísa, atualmente com 76 anos, foi feito por meio de um contato com sua filha, amiga da pesquisadora. Luísa mora em sua casa, com uma filha e a nora, que cuidam dela em tempo integral. A idosa tem mais três filhos, porém somente um deles auxilia, eventualmente, nos cuidados.

Tinha 76 anos quando os dados foram gerados. Fora diagnosticada três anos antes, após a filha ter percebido mudanças em seu comportamento. Anteriormente à doença, era uma mulher muito ativa e decidida. Sua filha a descreve como a matriarca que mantinha a família unida. Entretanto, com o desenvolvimento da patologia, tornou-

se bastante dependente e confusa, repetindo várias vezes as mesmas falas e histórias.

Precisa de ajuda em atividades diárias, como banho e alimentação. Por ter problemas de diabetes e comer compulsivamente, as refeições precisam ser monitoradas pela filha e pela nora. Não tem outro acompanhamento médico para além do neurologista que trata a DA, nem pratica atividades físicas.

Segundo a filha, atualmente, com o agravamento dos sintomas, tem estado cada vez mais distante, vagando pelos cômodos, sem senso de localização, tempo ou temperatura. Pede para voltar para casa, mesmo estando nela. Por vezes, confunde familiares e amigos, tanto acreditando que não os conhece quanto pensando que os vira recentemente, mesmo sem isso ter ocorrido.

Apesar dessas questões, Luísa é bastante simpática, gosta de conversar e conta muitas histórias, especialmente de seu marido, já falecido. Ela passa seu tempo assistindo à televisão e fazendo tricô, sempre acompanhada de seu cachorro e de sua gata de estimação, aos quais é muito apegada. Sua filha, em uma conversa informal após a visita, explicou que muitas das narrativas não condizem com a realidade, especialmente as de eventos recentes. Além disso, a filha relata que a mãe conta as mesmas histórias repetidamente e que, por vezes, os tópicos que traz são fragmentados, não havendo continuidade nos temas.

A pesquisadora realizou três visitas à participante, duas delas sem gravação, apenas para conhecer Luísa, pois ela não costuma receber visitas e acaba indo para seu quarto quando isso ocorre. Então, houve duas visitas iniciais, antes de iniciar-se a geração de dados. Na primeira vez, a pesquisadora realizou breves apresentações para ambientação. Na segunda, já houve algumas trocas, no sentido de a idosa sentir-se mais confortável com a presença da pesquisadora. Na terceira, por fim, foi possível gerarem-se dados em áudio e vídeo. Após esses encontros prévios, a interação fluiu bem, e a participante interagiu bastante, contando várias histórias de sua época de jovem e casada.

### 5.1.3 Vera

A partir de um contato que outro pesquisador do grupo de pesquisa tinha com uma casa de repouso para idosos de uma cidade do Sul do Brasil, foram feitos alguns contatos para a apresentação da pesquisa e a verificação da viabilidade de realização

de entrevistas com moradores do lar. Feitos esses movimentos iniciais, um colega do grupo e esta pesquisadora realizaram uma primeira visita, em que conversaram com diferentes mulheres acometidas pela DA.

Após uma conversa informal com o coordenador do lar sobre os critérios da pesquisa, ele indicou algumas possíveis participantes. Assim se deu a primeira interação: entre Vera, o colega do grupo de pesquisa, outra participante e esta pesquisadora. Esse momento não foi gravado, porque a intenção era somente a de realizar apresentações e investigar a viabilidade do contexto para a efetivação das entrevistas, bem como ter o tempo viável para contato com as famílias a fim de que autorizassem a participação das idosas<sup>34</sup>. Percebendo a possibilidade, a pesquisadora retornou ao local por mais duas semanas, para a geração de dados.

Como nas duas visitas fazia muito frio, as entrevistas foram realizadas na sala de convivência, um ambiente bem amplo e ventilado, em que os idosos ficavam sentados em poltronas, assistindo à televisão. Aparentemente, recebiam bastante atenção dos enfermeiros e cuidadores, que, além de prestarem os serviços de alimentação, medicação e higiene, conversavam com os idosos, ainda que bem brevemente porque, como havia vários moradores (como são chamados pelos enfermeiros as pessoas que habitam o lar), a demanda é bem alta. Por conta desse contexto, as entrevistas foram gravadas apenas em áudio, para evitar constrangimento aos demais idosos, que não participariam da pesquisa.

Vera tem 79 anos. Reside no lar há dois anos, já tendo chegado com o diagnóstico. Tem três filhas, uma das quais a visita com maior frequência. É bastante comunicativa, demonstrando gostar muito dos encontros com a pesquisadora. Ela tem muita dificuldade de concentração, mudando várias vezes de assunto e pedindo repetições do que foi dito. É importante destacar também que a participante tem um neto que acredita ser seu filho, gerando desentendimentos com sua própria filha, uma vez que pensa que ela é, na verdade, sua irmã.

Foram realizados três encontros, totalizando duas horas e 20 minutos, aproximadamente. O primeiro, descrito anteriormente, não foi gravado. O segundo gerou bastante conversa, pois Vera estava bem disposta. No terceiro, como ela estava muito interessada em um filme que era exibido pela televisão da sala de convivência,

---

<sup>34</sup> O TCLE, no caso de Vera, foi assinado pelo diretor do lar, com autorização da família.

após uma conversa mais breve, a pesquisadora optou por encerrar a entrevista, percebendo que estava incomodando a idosa.

Ela é a participante sobre quem menos se obtiveram informações. Por morar em uma casa de repouso e sua família não lidar bem com o diagnóstico, não se soube muito sobre sua personalidade antes da DA, nem sobre os motivos que levaram a família a investigar a possível demência.

Sabe-se, porém, que ela necessita de auxílio nas atividades de higiene e alimentação, não tendo noção de tempo, espaço, temperatura ou fome. Não conta com acompanhamento de fonoaudióloga ou fisioterapeuta, entretanto realiza atividades físicas básicas, como sessões de alongamento, promovidas pelas enfermeiras do lar.

Vera não reconhece seus familiares, e esse é um dos motivos pelos quais eles não lidam bem com o diagnóstico. Ela, como mencionado acima, acredita que seu neto, na realidade, é seu filho e que sua filha, por sua vez, é sua irmã. Como não tem noção de idade, acaba discutindo com sua família sobre essas questões. Segundo o relato da enfermeira-chefe do lar, tal fato acaba gerando muito sofrimento e desconforto. Apesar disso, a família lhe faz visitas regulares, buscando auxiliar no que é necessário.

O quadro a seguir apresenta a síntese das informações sobre as participantes, descrevendo dados como o tempo de diagnóstico, profissão antes da DA, idade, forma de geração de dados e número de encontros realizados.

Quadro 3 – Participantes

Nome fictício	Idade	Tempo de diagnóstico	Profissão	Forma de geração de dados	Número de encontros	Datas dos encontros	Duração dos encontros <sup>35</sup>
Vera	79 anos	5 anos	Empregada doméstica	Áudio	3	24/05/2022 31/05/2022 07/06/2022	- 52min53s 33min59s
Luísa	76 anos	3 anos	Funcionária pública e dona de casa	Áudio e vídeo	3	10/10/2022 26/10/2022 10/11/2022	- - 44min33s
Rúbia	77 anos	5 anos	Dona de casa	Áudio	1	19/11/2022	37min15s

Fonte: Elaboração nossa.

<sup>35</sup> Somente se contabilizou a duração dos encontros em que houve gravação. Quando a interação não foi gravada, empregou-se o sinal “-“ no quadro.

## 6 ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, analisamos excertos de narrativas geradas em interações com as três participantes da pesquisa. A escolha desses dados específicos se deu por compreendermos, após a análise das transcrições e identificação das narrativas, que eles ilustram o posicionamento moral das participantes em relação a discursos recorrentes na sociedade, estando em consonância com as dimensões da narrativa de Ochs e Capps (2001) e os níveis de posicionamento discursivo de Bamberg (1997).

Organizamos os dados, primeiramente, quanto às participantes. Escolhemos o título de cada seção seguindo um modelo: apresentar uma fala marcante que emergiu na interação, o nome da participante e o principal tópico da narrativa.

### 6.1 “ENTÃO EU PROCUREI APRENDER NÉ”: RÚBIA E O ACESSO AO CONHECIMENTO

Nesta seção, analisamos a narrativa gerada no dia 19 de novembro de 2022, na casa da participante Rúbia. Além da pesquisadora, Marina, estavam presentes na interação a participante; sua neta, Pâmela, que participou brevemente; e o neto da participante, Rodrigo<sup>36</sup>. A interação durou 37 minutos e corresponde à nossa primeira visita de pesquisa.

Para uma compreensão melhor dos excertos a seguir, é necessário ressaltarmos que Rúbia não terminou seus estudos, porém aprendeu a ler e escrever com a ajuda de sua irmã mais velha. Como apresentamos na seção de metodologia deste trabalho, Rúbia tem quatro filhos e sente muito orgulho por todos terem estudado. Esse tópico permeia toda a interação, de forma que, por sua recorrência, o recorte dos excertos foi feito de forma a representar um dos momentos em que narra sua trajetória escolar e a importância que atribui à formação.

A interação começa com a pergunta da pesquisadora sobre a rotina da participante. Rúbia explica que sua filha mora na mesma casa e que fica com ela durante a semana, conforme o excerto a seguir:

---

<sup>36</sup> Nomes também fictícios.

Excerto 1 – “Porque na semana ela trabalha”

109 Rúbia: ah e a minha filha: ... mora aí em cima  
 110 Marina: a:i que coisa boa aí [tá sempre pertinho]  
 111 Rúbia: [eu fiquei lá ó: nesse] eu  
 112 ama: eu: ... fim de sema:na  
 113 Marina: aham  
 114 Rúbia: fica livre mas final de semana é ao contrário  
 115 Marina: aham  
 116 Rúbia: é fim de semana tá livre  
 117 Marina: sim  
 118 Rúbia: porque na semana ela trabalha  
 119 Marina: entendi ... e com o que que ela trabalha?  
 120 Rúbia: professora  
 121 Marina: é mesmo:? eu e a Pamela também né  
 122 Rúbia: é  
 123 Marina: todo mundo professora  
 124 Pamela: é  
 125 Rúbia: família tá tudo ((risada))  
 126 Marina: sim todo mundo professora  
 127 Rúbia: especializado

Fonte: Dados da pesquisa.

Após explicar, nas linhas 114 e 116, que sua filha fica livre aos finais de semana e cuida dela durante a semana, Rúbia justifica que ela trabalha durante a semana quando diz, na linha 118, “porque na semana ela trabalha”. Na sequência, Marina, na linha 119, faz uma pergunta sobre com o que a filha de Rúbia trabalha, de forma a estimular a interação e dar seguimento ao tópico. A participante responde, na linha 120, que a filha é professora. A resposta dada por Marina é marcada por um tom de surpresa, perceptível pelo alongamento de fala em “mesmo:”, na linha 121, e pelo tom de interrogação. Nesse mesmo turno de fala, a pesquisadora já estabelece uma conexão entre ela, a filha e a neta da participante, por serem todas professoras. Rúbia conclui, dizendo, então, que todos na família estão especializados.

Excerto 2 – "Eu não quis ir pra escola e não fui"

128 Pamela: é: e e tem mais professora na família né vó  
 129 Rúbia: é ti tinha que ter um que: não digo professora é: a  
 130 minha mãe devia ter nos dado umas surras bem boa  
 131 Marina: ((risada))  
 132 Rúbia: eu não quis ir na escola e não fui  
 133 Marina: tu não foi pra escola?  
 134 Rúbia: nã:o  
 135 Marina: e ela devia ter insistido pra tu ir  
 136 Rúbia: [claro] há muitos  
 137 anos isso né  
 138 Marina: sim entendi  
 139 Rúbia: mas ã: eu disse mas ã se eu não tinha que pegar um  
 140 chinelinho e dar umas  
 141 Marina: aham

Fonte: Dados da pesquisa.

Na sequência, Pamela complementa a fala da avó, dizendo que, além da tia, há mais professoras na família. A partir desse comentário, Rúbia inicia uma fala que fica incompleta em um primeiro momento: “é ti tinha que ter um que: não digo professora é:”, na linha 129. Na sequência, linha 130, diz “minha mãe devia ter nos dado umas surras bem boa”.

Essa construção pode parecer ter um encaixe baixo na interação até então. A fala seguinte da participante, entretanto, abre uma narrativa sobre ela não ter ido para escola. Assim, podemos compreender que a fala anterior se referia à não insistência de sua mãe para que seguisse nos estudos. É interessante notarmos aqui que Rúbia constrói sua mãe como a responsável por ela não ter seguido estudando. Com essa visão, podemos até assumir que, na linha 129, a fala, até então descontextualizada, pode significar que Rúbia poderia ter seguido uma carreira, inclusive docente.

Percebemos que Marina, por ter não compreendido em um primeiro momento essa transição, pergunta, na linha 133, “tu não foi pra escola?”, de forma a confirmar o que tinha sido dito. Desenvolve-se, assim, um par adjacente de pergunta e resposta, marcado pela negação bastante enfática, percebida pelo uso do “nã:o” alongado e com tom mais forte.

Na sequência, Marina conclui: “e ela devia ter insistido pra tu ir”, na linha 135. Aqui, podemos identificar o que Biar, Orton e Bastos (2021) nomeiam



como um desconforto interacional, uma vez que Marina, diante da expressão usada por Rúbia, “umas surras bem boa”, linha 130, parafraseia a ideia, mas atenua a questão da violência, usando “insistido pra tu ir”, na linha 135. Tal asserção é confirmada por Rúbia quando responde “claro”, na linha 136.

Nesse mesmo turno de fala, a participante ainda contextualiza o tempo cronológico em que se passa a história, ao explicar “há muitos anos isso né”, nas linhas 137 e 138.

Diante dessa breve análise, podemos compreender esse primeiro momento da narrativa como um prefácio, em que são apresentados os personagens e a situação inicial, de Rúbia não ter estudado. Também podemos observar que a participante considera ser parte do papel materno fazer os filhos irem à escola, ao responsabilizar sua mãe por não ter insistido na frequência de seus estudos.

Na sequência, entre as linhas 139 e 140, Rúbia segue falando “mas ã se eu não tinha que pegar um chinelinho e dar umas”. Aqui é interessante notar que ela introduz essa fala por “eu disse”. O uso desse verbo remete à concepção de diálogo construído, de Tannen (2007), em que a autora apresenta diferentes maneiras por meio das quais ocorre um discurso reportado para além da reprodução exata das palavras de outrem. Nesse caso, podemos compreender que essa estrutura poderia se encaixar em um pesamento reportado, não tendo sido de fato falado por Rúbia quando deixou de frequentar a escola. A narrativa segue no excerto a seguir:

### Excerto 3 – “Aprendi e eu procuro”

142 Rúbia: mas desde quando ah ... aí a outra a minha irmã  
 143 mais velha ... a que me ensinou depois  
 144 Marina: aham  
 145 Rúbia: porque ela ela foi porque  
 146 Marina: ah: ela foi  
 147 Rúbia: ela foi  
 148 Marina: ah:: entendi  
 149 Rúbia: é ... ela era professora  
 150 Marina: que legal e a senhora daí acabou não estudando  
 151 Rúbia: eu aí: aprendi: aprendi e eu procu:ro  
 152 Marina: aham

Fonte: Dados da pesquisa.

Rúbia já inicia esse terceiro excerto com o articulador “mas”, demonstrando o momento da virada na narrativa, ou seja, quando a história toma outro rumo. Nesse

caso, seria “a minha irmã mais velha ... a que me ensinou depois”. Vale ressaltar que fica implícito aqui o que a irmã teria ensinado, mas, como veremos posteriormente, podemos inferir que seja a ler e a escrever. A justificativa desse momento se estende por três turnos de fala. Inicialmente, a participante diz “porque ela ela foi porque”, na linha 145. A pesquisadora, compreendendo que a fala era no sentido de a irmã ter ido para a escola, repete “ah: ela foi”, na linha 146. Rúbia reforça, ainda, que “ela foi”, na linha 147. Diante da confirmação de que a pesquisadora compreendera, na linha 148, Rúbia complementa, na linha 149, que “ela era professora”.

Na sequência, Marina avalia a história por meio da expressão “que legal”, na linha 150. Nesse mesmo turno de fala, a pesquisadora resume a história narrada, quando diz “e a senhora daí acabou não estudando”. O articulador “daí” remete à conclusão da narrativa. A resposta de Rúbia, “eu aí: aprendi: aprendi e eu procu:ro”, na linha 151, ilustra que ela não concorda plenamente com a conclusão da pesquisadora. Mesmo sem ter tido um estudo formal, ela aprendeu e segue procurando saber mais. Essa continuidade fica marcada, principalmente pelo uso do tempo presente em “procu:ro”. É por meio dessa construção que esse embate discursivo é contornado, com a confirmação, logo na sequência, de Marina. O excerto a seguir mostra como essa interação seguiu.

#### Excerto 4 – “Ela dizia as carça”

153	Rúbia:	eu tinha mas nunca me esqueço eu tinha uma cunhada
154		porque tem coisa que tu lendo tu já vê
155	Marina:	sim
156	Rúbia:	como é que se escreve
157	Marina:	aham
158	Rúbia:	e como é que fala porque ela dizia as <u>carça</u> aquilo
159		me dava um:
160	Marina:	dava um nervoso já
161	Rúbia:	dava
162	Marina:	ai sim

Fonte: Dados da pesquisa.

Após contar sobre como não estudou formalmente, mas que aprendeu com sua irmã a ler e escrever, Rúbia faz o encaixe de uma segunda história. Podemos perceber esse movimento quando ela diz, na linha 153, “mas eu nunca me esqueço”, remetendo à ideia de que aquilo que virá a seguir é uma narrativa. Assim, nas linhas 153 e 154, a participante conta brevemente que “tinha uma cunhada porque tem coisa que tu lendo tu já vê”.

Essa oração pode ser identificada como a introdução da narrativa em que são apresentados a personagem principal, a cunhada, e o tema da história. Na continuação, no turno de fala seguinte, “e como é que fala porque ela dizia as calça aquilo me dava um:”, percebemos que, por uma dificuldade no acesso lexical causada pela DA, Rúbia não consegue dizer como se sentia em relação à pronúncia correta da palavra “calça” por sua cunhada. Marina, então, na linha 160, completa o raciocínio, dizendo “dava um nervoso já”, atuando colaborativamente na construção da narrativa.

Rúbia, ao caracterizar sua cunhada como alguém que fala errado, mesmo que a palavra já indique a pronúncia, segundo sua própria concepção, coloca-se como superior a ela, pois, mesmo não tendo tido acesso à educação formal, percebe esses “erros” e fica incomodada com eles. Esse posicionamento é acatado pela pesquisadora, que concorda com a participante na linha 162, ao dizer “ai sim”.

Nesse ponto da interação, emerge o discurso do preconceito linguístico, bastante recorrente em nossa sociedade. Segundo a definição de Bagno (2014), essa forma de discriminação se dá quando o modo de falar de um indivíduo é tomado por “errado”, por não se adequar à norma padrão culta, tida como superior. Ressaltamos que, como linguistas, compreendemos que esse discurso é errôneo. Entretanto, durante a interação, a pesquisadora optou por não criar um embate com a participante.

Com a inserção dessa segunda história, há uma quebra na linearidade da narrativa inicial sobre a trajetória dos estudos de Rúbia. No caso, essa segunda história serviu para ilustrar seu ponto de vista quanto a ser possível não ter estudo formal, mas buscar o conhecimento. Esse posicionamento segue no próximo excerto.

Excerto 5 – “Então é procurei aprender né”

163 Rúbia: sabe é: é: eu é aquilo que eu te digo eu eu  
 164 procurei a a: na lendo bastante eu gosto  
 165 Marina: [uhum]  
 166 Rúbia: muito de ler  
 167 Marina: ai que coisa bo:a  
 168 Rúbia: é: então é procurei  
 169 Marina: sim  
 170 Rúbia: ã: aprender né já que eu não fui né no [colé]gio  
 171 Marina: [sim]  
 172 Rúbia: mas eu procurei  
 173 Marina: daí aprendeu por conta  
 174 Rúbia: é:

Fonte: Dados da pesquisa.

Nesse ponto da interação, podemos identificar que, quando Rúbia diz, na linha 163, “eu é aquilo que eu te digo eu eu procurei a a: na lendo bastante”, e, nas linhas 168 e 170, “é: então é procurei ã: aprender né já que eu não fui né no colégio”, ela faz uma avaliação da narrativa. Aqui a participante posiciona-se como alguém que se esforçou para obter conhecimento, já que não foi à escola. Ela ainda reforça essa oposição entre não ter tido acesso a um ensino formal e ter buscado aprender na linha 172, quando diz “mas eu procurei”. Marina conclui essa avaliação com o trecho “daí aprendeu por conta”, fato confirmado por Rúbia no turno de fala seguinte.

Podemos identificar, nessa narrativa, um posicionamento moral bastante marcado, uma vez que a participante deixa clara a concepção de que, mesmo sem ter acesso a um ensino fundamental, é possível buscar conhecimento por conta própria para evitar erros como o cometido pela cunhada. Ela se coloca na narrativa como protagonista, marcando isso pelas diferentes vezes em que usa o pronome pessoal reto “eu”. Quando faz o movimento de inserção de uma segunda narrativa, a linearidade é quebrada, a fim de demonstrar um exemplo de postura diferente daquela assumida por Rúbia.

No primeiro nível de posicionamento proposto por Bamberg (1997), como descrevemos no capítulo 4, o foco está na identificação dos personagens da narrativa. Como essa interação apresenta uma narrativa principal a respeito dos motivos que

levaram Rúbia a abandonar os estudos e seu interesse em, mesmo assim, continuar estudando, além de uma pequena história encaixada sobre a cunhada, que pronunciava palavras erroneamente, identificamos que o primeiro nível se dá em dois momentos.

Na primeira narrativa, os personagens são a mãe de Rúbia, sua irmã e ela mesma. A mãe é posicionada como a responsável pelo fato de a filha não ter estudado; é a culpada. A irmã é posicionada como alguém superior, que seguiu estudando e conseguiu ser professora. Rúbia, por sua vez, parece ser a vítima da situação, que, mesmo sem ter tido acesso ao estudo formal, seguiu estudando por conta própria e não se responsabiliza por ter abandonado a escola quando jovem.

Na segunda história encaixada, conforme ilustra o Excerto 4, as personagens são ela mesma e sua cunhada, que agora é posicionada como alguém inferior, que não buscou aprender sobre a pronúncia correta das palavras. Rúbia, por sua vez, posiciona a si mesma nessa pequena história como superior à sua cunhada já que, mesmo sem ter frequentado a escola, sabe pronunciar corretamente as palavras.

Em relação ao nível 2, cujo foco de análise é o posicionamento do narrador na interação, podemos observar que Rúbia estabelece uma proximidade com a pesquisadora. A origem da narrativa principal a partir do tópico do trabalho dos filhos e netos, conforme o Excerto 1 ilustra, demonstra que Rúbia coloca-se como alguém que, se não fosse a falta de insistência da mãe, poderia ter sido professora tal qual Marina e Pâmela, as outras participantes da interação.

Sobre o nível 3, que abarca o posicionamento do narrador em relação a discursos recorrentes na sociedade, identificamos que o principal discurso que permeia toda a interação é o de “ser alguém na vida pelo estudo”. Rúbia se mantém constante na aderência à ideia de que, com esforço e interesse, podemos ter conhecimento. De cunho um tanto quanto meritocrático, essa visão é bastante recorrente na sociedade e, assim como na interação com a participante, também vem permeada por outros discursos.

Um exemplo é o preconceito linguístico, que emerge na história sobre a cunhada, que Rúbia encaixa na narrativa. Esse preconceito demonstra que as pessoas, quando não fazem uso da norma padrão culta, são tidas como ignorantes ou preguiçosas, porque, embora tenham acesso fácil ao conhecimento, seguem falando “incorretamente” (Bagno, 2014).

Por fim, na interação, emerge também na fala de Rúbia o discurso de responsabilização materna acerca do estudo dos filhos. A participante novamente adere a esse discurso ao culpabilizar sua mãe por não ter obrigado que ela seguisse estudando. Quando fala que toda a sua família frequentou a escola e, inclusive, acessou o ensino superior, indiretamente Rúbia se posiciona como mais responsável do que sua própria mãe, por ter garantido que seus filhos se mantivessem no ensino formal. Aqui, é interessante notarmos que, em nenhum momento, homens foram responsabilizados pela ida ou não à escola. Nem o pai da participante, nem seu então marido são mencionados. Tal aspecto reforça o discurso sobre o papel feminino no cuidado com os filhos e sobre a responsabilidade das mães no “sucesso” ou no “fracasso” de seus filhos, segundo os padrões impostos pela sociedade.

Foi possível perceber que, apesar das dificuldades causadas pela DA, a participante conseguiu interagir e construir uma narrativa bastante marcada pelo ponto de vista do posicionamento moral. Discursos como a responsabilidade materna em garantir que os filhos estudem e a busca pelo conhecimento, mesmo que informal, mantiveram-se constantes ao longo da história. Portanto, podemos perceber que Rúbia segue inserida em discursos recorrentes na sociedade da qual faz parte e consegue posicionar-se diante deles por meio das narrativas.

## 6.2 “A VELHICE VAI PEGANDO A GENTE TAMBÉM NÉ”: LUÍSA E O CASAMENTO

O dado analisado nesta seção foi gerado no dia 10 de novembro de 2022, correspondendo à terceira visita da pesquisadora à participante e à primeira de fato gravada. Como explicamos na descrição da metodologia deste trabalho, houve demora até que Luísa se sentisse à vontade para conversar com Marina. No primeiro encontro, elas apenas se cumprimentaram, e a participante quis continuar assistindo à televisão. No segundo, após Marina passar um tempo conversando com as demais moradoras da casa (a filha de Luísa e sua esposa), ela participou um pouco da interação.

No terceiro encontro, entretanto, Luísa estava mais disposta a interagir com Marina, convidando-a para sentar-se junto à janela. A participante estava tricotando e olhando o movimento, então a pesquisadora juntou-se a ela e, após pedir permissão, pôde gravar o encontro em áudio e vídeo.

Antes de adentrarmos no dado escolhido, é importante ressaltar que Luísa foi casada por mais de 40 anos, antes do falecimento de seu marido. A filha da participante, em uma conversa informal depois da entrevista, explicou que a mãe sofria muito com a perda. Como, por vezes, acabava se esquecendo do ocorrido, ela voltava aos mesmos sentimentos quando relembrava o fato. Durante a entrevista, Luísa voltou ao tópico em diversos momentos, sempre se emocionando ao narrar.

Na interação, foram abordados diversos tópicos que, como apresentamos no capítulo metodológico, nem sempre eram verossímeis. Luísa conta sobre uma casa no interior, que ela e o marido emprestaram a um casal de amigos que tinha um filho. Como houve um momento em que a participante encerrou essa narrativa, Marina comentou sobre a casa em que a participante morava, gerando a narrativa analisada a seguir.

#### Excerto 6 – "Ele não chegou a ver inteira a casa"

935 Marina: e também a senhora tem uma casa tão bonita aqui né  
 936 então:  
 937 Luísa: eu não sei como é que eu consegui logo  
 938 Marina: aham  
 939 Luísa: olha: eu: eu acho que o meu marido ... ele: ...  
 940 faleceu né  
 941 Marina: sim  
 942 Luísa: eu acho que ele não chegou a ver inteira a casa  
 943 Marina: aham [pronta]

Fonte: Dados da pesquisa.

Marina, nas linhas 935 e 936, ao dizer que “e também a senhora tem uma casa tão bonita aqui né então:”, comenta sobre a narrativa anterior, em que Luísa falava sobre a casa que ela e o marido emprestaram para o casal de amigos. Ao levar esse novo elemento à interação, a casa atual da participante, esta, em vez de seguir a narrativa anterior, introduz o tópico da morte de seu marido, quando diz “olha: eu: eu acho que o meu marido ... ele: ... faleceu né”, nas linhas 939 e 940. Após a confirmação de que Marina estava acompanhando a história, na linha 941, Luísa segue com a seguinte fala: “eu acho que ele não chegou a ver inteira a casa”.

Configurando o prefácio da narrativa, são apresentados os personagens principais: a participante e seu marido. Abordaremos mais suas características de posicionamento discursivo no universo narrado nos próximos excertos.

Conforme a proposta das dimensões da narrativa de Ochs e Capps (2001), que embasam teoricamente nossas análises, identificamos uma narrativa encaixada. Ainda que não estivesse diretamente ligada ao tópico anterior (a casa da participante), por essa transição, feita por meio da relação com o fato de o marido não ter visto a casa pronta, a história de seu falecimento se encaixa na interação.

#### Excerto 7 – "Toda prontinha não chegou a ver"

944 Luísa: [toda pron]tinha não chegou a ver porque ele  
 945 foi fazer um: ((latido de cachorro)) um: °deu deu  
 946 deu° ... imposto de renda  
 947 Marina: ah::  
 948 Luísa: ele foi fazer daí parou numa fila  
 949 Marina: aham  
 950 Luísa: grande ... e daí ele teve um mal-estar lá  
 951 Marina: aham  
 952 Luísa: por causa do do ... no auge do verão né  
 953 Marina: ah entendi:  
 954 Luísa: é e daí [ele começou a]  
 955 Marina: [ai que horror]  
 956 Luísa: passar mal  
 957 Marina: aham  
 958 Luísa: começou a ficar meio tonto  
 959 Marina: sim  
 960 Luísa: aí levaram ele tudo pra torneira lá botaram ele  
 961 Marina: uhum

Fonte: Dados da pesquisa.

Finalizando o encaixe entre o tópico da casa (iniciado na linha 935) e o falecimento do marido (emergente nas linhas 939 e 940), inicialmente Luísa apresenta a justificativa de ele não ter visto a casa pronta, quando diz: "toda prontinha ele não chegou a ver porque ele foi fazer um: um: °deu deu deu° ... imposto de renda", entre as linhas 944 e 946. Ressaltamos que houve uma interrupção pelos latidos do cachorro e que, quando a participante diz, em tom de voz mais baixo, "°deu deu deu°", ela se dirigia a seu animal de estimação.

A narrativa segue nos turnos de fala de Luísa, intercalados por pequenos comentários de Marina, que mostrava estar acompanhando a história, por exemplo, quando diz "aham", nas linhas 949 e 951, e "ah entendi:", na linha 953. Assim, já se percebe que a dimensão da narração, conforme a proposta de Ochs e Capps (2001), nesse caso se enquadra em um narrador ativo.



Temos também, nesse excerto, um primeiro ponto de virada na narrativa, quando Luísa diz, na linha 950, “daí ele teve um mal estar lá”. Ainda que, no prefácio, já saibamos o desfecho da história, é a partir dessa primeira quebra de expectativa que a relevância de narrar aquele fato aumenta. A dimensão da historiabilidade, conforme a proposta de Ochs e Capps (2001), é alta nessa narrativa, por se tratar de um evento muito marcante na vida da participante e por ter se originado de uma grande reviravolta: de uma simples saída de casa para um falecimento.

#### Excerto 8 – “É mas daí não deu certo”

962 Luísa: onde é o: ... por que é que eu sempre esqueço o  
 963 nome?  
 964 Marina: é lá no centro?

965 Luísa: não é aqui  
 966 Marina: ah: é aqui perto  
 967 Luísa: é aqui pertinho  
 968 Marina: aham  
 969 Luísa: aí então eles: eles: botaram ele sentado  
 970 Marina: aham  
 971 Luísa: aí largaram a: ... a um: um: coisa geladi:nho  
 972 [porque era verão né]  
 973 Marina: [sim: pra ver se:] ele melhorava  
 974 Luísa: é mas daí não deu certo  
 975 Marina: ah:  
 976 Luísa: porque daí [ele veio]  
 977 Marina: [que triste]  
 978 Luísa: pra casa  
 979 Marina: aham  
 980 Luísa: eles trouxeram ele  
 981 Marina: sim  
 982 Luísa: amigos né que tavam lá  
 983 Marina: aham

Fonte: Dados da pesquisa.

Seguindo a narrativa, nas linhas 962 e 963, Luísa tenta situar o espaço da narrativa, mas tem dificuldade no acesso lexical, como fica claro quando diz “onde é o: ... por que é que eu sempre esqueço o nome?”. Aqui, em um movimento metadiscursivo, a participante se volta para sua própria fala e percebe que tem lapsos de memória para nomear o local em que se deu a história. Marina, buscando fornecer andamento, pergunta “é lá no centro?”, na linha 964. Entretanto, a participante

não aceita a sugestão, falando “não é aqui”, na linha 965, e reforçando, na linha 967, com “é aqui pertinho”.

Não conseguindo acessar a palavra que buscava, Luísa segue a narrativa nas linhas 969, 971 e 972, quando diz “aí então eles: eles: botaram ele sentado” e “aí largaram a: ... a um: um: coisa geladi:nho [porque era verão né]”. Vale destacar a forma como a participante usa a conjunção “daí”, marcando a temporalidade dos eventos narrados. Novamente, Marina demonstra estar acompanhando a narrativa, dizendo, na linha 973, “[sim: pra ver se:] ele melhorava”.

Entretanto, Luísa marca, com a conjunção adversativa “mas”, em “é mas não deu certo”, na linha 974, outra virada na narrativa. A pesquisadora, diante dessa nova quebra de expectativa, avalia a situação, na linha 977, afirmando “que triste”. A estrutura de problema – solução segue quando Luísa diz, na linha 980, “eles trouxeram ele”. Ela também especifica quem seria o referente do pronome “eles”, ao dizer, na linha 982, “amigos né que tavam lá”.

#### Excerto 9 – “É mesmo não tinha pensado nisso”

984 Luísa: trouxeram eles daí ele foi direto pro banheiro daí  
 985 eu disse nossa mas tu tá tão quente espera um pouco  
 986 começa assim ó mão: ((faz gesto de calma com as  
 987 mãos fazendo movimentos para cima e para baixo com  
 988 as palmas voltadas para baixo))  
 989 Marina: aham  
 990 Luísa: sabe daí: in:do devagari:nho  
 991 Marina: Sim  
 992 Luísa: daí ele disse é mesmo não tinha pensado nisso aí  
 993 ficou dentro do banheiro porque eu tava fazendo o  
 994 Almoço  
 995 Marina: aham  
 996 Luísa: e:: aí de repente eu vi alguma coisa quando ele me  
 997 chamou  
 998 Marina: sim  
 999 Luísa: sabe é que tinha um homem a: pra me chamar eu: eu  
 1000 queria saber agora mas eu não lembro a vez  
 1001 Marina: não: mas acontece

Fonte: Dados da pesquisa.

Na sequência, Luísa descreve o que ocorreu depois que o marido foi levado para casa, entre as linhas 984 e 988. Nesse momento, ela se coloca no universo da

narrativa. Analisando o nível um de posicionamento de Bamberg (1997), temos a apresentação dos personagens da história.

Luísa se coloca no universo narrativo como uma participante ativa, buscando soluções para os problemas enfrentados. Esse posicionamento fica claro quando ela diz “nossa mas tu tá tão quente espera um pouco começa assim ó mão:”, nas linhas 985 e 986, dando ao marido uma sugestão sobre o que ele deveria fazer. O marido é posicionado como protagonista da história, uma vez que o tópico principal é seu falecimento. Além disso, na linha 992, em que Luísa apresenta a resposta do marido para sua sugestão com “é mesmo não tinha pensado nisso”, ela o posiciona na narrativa como alguém que acata suas sugestões.

No segmento 996-997, Luísa marca temporalmente a narrativa ao dizer “e aí”. Ela não especifica o que seria a “coisa” que viu, o que contribui para aumentar o interesse e, conseqüentemente, a historiabilidade da narrativa. No turno de fala seguinte, quando vai especificar o referente “coisa”, por um lapso de memória causado pela DA, esse ponto da narrativa perde sua linearidade. Luísa mesmo percebe não lembrar do que aconteceu, quando diz “eu queria saber agora mas eu não lembro a vez”, na linha 1000. Marina, diante dessa dificuldade da participante, coloca-se em uma posição colaborativa, ao responder, na linha 1001, “não:: mas acontece”.

#### Excerto 10 – “Agora faz pensamento positivo”

1002 Luísa: quando eu abri a porta:  
 1003 Marina: aham  
 1004 Luísa: ele tava no chão  
 1005 Marina: ai que horror  
 1006 Luísa: ele tinha tido um:: ... como é que é o nome meu  
 1007 Deus? é um mal-estar muito grande ele teve  
 1008 Marina: aham  
 1009 Luísa: sabe mas ele tava ainda:  
 1010 Marina: sim ele ainda tava  
 1011 Luísa: né daí eu fui ligeiro também fiquei do lado dele  
 1012 Marina: aham  
 1013 Luísa: fui falando bem pertinho do ouvido  
 1014 Marina: sim:  
 1015 Luísa: porque provavelmente ele não tava ouvindo bem né  
 1016 Marina: Sim  
 1017 Luísa: daí eu disse agora hum faz pensamento positivo eu  
 1018 já chamei a:  
 1019 Marina: Sim  
 1020 Luísa: a: polícia tá vin:do  
 1021 Marina: aham

Fonte: Dados da pesquisa.

Na sequência, Luísa continua a narrativa, dizendo, nas linhas 1002 e 1004, “quando eu abri a porta:” “ele tava no chão”. Nos momentos de troca de turno de fala, a narrativa fica pausada, e isso gera suspense na história. Consequentemente, a historiabilidade aumenta. Na linha 1005, Marina avalia a narrativa, dizendo “ai que horror”, e demonstra sua atenção à interação.

Nas linhas 1006 e 1007, o alongamento de fala em “um: :”, seguido de uma pausa, indicam dificuldade no acesso lexical. A participante faz um comentário metadiscursivo, em “como é que é o nome meu Deus?”, seguida de uma paráfrase “é um mal-estar muito grande ele teve”. Sua interlocutora, ao dizer “aham”, na linha 1008, demonstra compreender o que foi dito.

Luísa, no turno de fala seguinte, ainda busca confirmar que Marina está acompanhando a narrativa, como podemos perceber quando usa o verbo “sabe”, na linha 1009. Nesse ponto, a participante diz “mas ele tava ainda:”, deixando implícito o predicativo do sujeito. A pesquisadora reformula a fala da participante, com “sim ele ainda tava”, na linha 1010, indicando desconforto em explicitar o estado do sujeito, mas demonstrando compreender a fala de Luísa.

Luísa segue a narrativa, apresentando mais uma solução, nas linhas 1017, 1018 e 1020, ao dizer que chamara a polícia. Novamente, reforça-se seu posicionamento como uma personagem ativa na narrativa. Outro padrão que se mantém na interação é o de Marina como ouvinte ativa da interação, em diversos momentos demonstrando à narradora que está acompanhando a história. No excerto seguinte, a narrativa continua.

Excerto 11 – “Então eu tô indo”

1022 Luísa: e vem eles vão vir agora de ambulância  
 1023 Marina: sim: [pra ajudar]  
 1024 Luísa: [eles não] querem vir sem né  
 1025 Marina: sim  
 1026 Luísa: porque daí conforme o que o médico o: o: senhor  
 1027 que ia [vir]  
 1028 Marina: [sim]  
 1029 Luísa: com eles ... daí ele então: ã vai pro pro::  
 1030 Marina: sim: pro hospital né  
 1031 Luísa: pro hospital né daí ele dizia assim pra ele disse a  
 1032 última frase que ele disse pra mim ... então eu tô  
 1033 indo  
 1034 Marina: aham  
 1035 Luísa: e eu vai ficar  
 1036 Marina: ai que triste  
 1037 Luísa: então cuida  
 1038 Marina: sim  
 1039 Luísa: cuida cuida diz ele porque agora a casa falta  
 1040 faltava pouquinho e já tava sabe  
 1041 Marina: aham já quase pronta  
 1042 Luísa: quase pronta a casa daí: ele disse mas eu acho que  
 1043 eu vou enxergar a casa  
 1044 Marina: aham  
 1045 Luísa: quase pronta né ((risada)) depois ai ele era: coisa  
 1046 mais querida mesmo  
 1047 Marina: sim mas quando é pra ser é pra ser né  
 1048 Luísa: é: é bem isso mesmo  
 1049 Marina: tem que ser assim tem que deixar na mão de Deus né

Fonte: Dados da pesquisa.

Na linha 1026, Luísa inicia a explicação sobre a vinda da ambulância, dizendo “o médico”. Logo na sequência, ela reformula para “o senhor que ia vir com eles”, entre as linhas 1026 e 1029. No final da linha 1029, a repetição e o alongamento de fala em “pro pro::” demonstram uma dificuldade no acesso lexical. Marina, no turno de fala seguinte, dá andamento à fala da participante, sugerindo “sim: pro hospital né”, sendo o “né” uma forma de pedir a confirmação de que sua sugestão estava correta. Como a participante repete “pro hospital né”, podemos inferir que a sugestão foi aceita.

Entre as linhas 1031 e 1033, Luísa faz uso do diálogo construído, a fim de reportar as últimas palavras do marido, quando diz “ele disse a última frase dele que ele disse pra mim ... então eu tô indo”. A fala dele se estende ainda nas linhas 1035, 1037, 1039, 1042 e 1043, em “e eu vai ficar”, “então cuida”, “cuida cuida diz ele” e “mas eu acho que vou enxergar a casa”. Nesse último trecho, em que a participante retoma o referente “casa”, reforça-se o encaixe da narrativa na interação a respeito da casa da participante, iniciada anteriormente, no começo da interação.

A pesquisadora, na linha 1047, após ouvir a narrativa, inicia uma avaliação, dizendo “sim mas quando é pra ser é pra ser”. A fala seguinte da participante demonstra seu alinhamento: “é: é bem isso mesmo”. Marina reforça sua avaliação com sua fala seguinte: “tem que ser assim tem que deixar na mão de Deus né”. Entretanto, como veremos no Excerto 12, Luísa não conclui a narrativa.

#### Excerto 12 – “Eu queria conversar mais um pouquinho com ele”

1050 Luísa: uhum: ... aí foi no: no hospital aqui  
 1051 Marina: aham  
 1052 Luísa: mas não:: eles mandaram ele pra capital  
 1053 Marina: aham  
 1054 Luísa: mas eu disse meu Deus mas ele parecia tão fra:co  
 1055 Marina: sim  
 1056 Luísa: ele foi com vida pra capital?  
 1057 Marina: aham  
 1058 Luísa: porque eu queria conversar mais um pouquinho com  
 1059 ele  
 1060 Marina: sim: com certeza  
 1061 Luísa: daí eles disseram eu vou chamar aquele lá ó::  
 1062 Marina: aham  
 1063 Luísa: mostrando pra mim o: o: dali da turma  
 1064 Marina: sim:  
 1065 ...  
 1066 Luísa: porque daí fica: mais fácil né  
 1067 Marina: aham

Fonte: Dados da pesquisa.

Luísa retoma a narrativa do ponto em que havia parado antes das avaliações de Marina, dizendo “aí foi no: no hospital aqui”. O advérbio de lugar “aqui” deixa implícito que se tratava do hospital da cidade em que a participante e a pesquisadora estavam. O turno de fala seguinte de participante, entretanto,

representa mais uma virada na narrativa, em “mas não:: eles mandaram ele pra capital”. Tanto a conjunção adversativa “mas” quanto o advérbio de negação alongado “não::” reforçam a quebra de expectativa em relação ao que ocorria na narrativa. Novamente, temos um referente vago: “eles”, que não especifica quem seriam as pessoas responsáveis por essa decisão.

Na linha 1054, Luísa inicia um diálogo construído que se estende entre as linhas 1056, 1058 e 1059. Inicialmente, parece que essa fala desencaixa-se da narrativa. Entretanto, no turno de fala seguinte, em que ela diz “daí eles disseram eu vou chamar aquele lá ó”, podemos inferir que ela está reproduzindo um diálogo que teve com os responsáveis por levar o marido ao hospital de outra cidade. O uso do advérbio de lugar “lá”, acompanhado da descrição apresentada pela participante, na linha 1063, “mostrando pra mim o: o: dali da turma”, cria, discursivamente, o cenário da narrativa, possibilitando uma visualização do que aconteceu. A interação segue no próximo Excerto.

### Excerto 13 – “Eu sinto uma falta tão grande”

1068 Luísa: pra ele ... e assim mesmo eu sinto uma falta tão  
 1069 gran:de  
 1070 Marina: ai eu imagino  
 1071 Luísa: porque a: ... a gente tá aqui sentado  
 1072 Marina: aham  
 1073 Luísa: de repente ele tá chegando a:: eu tenho: como é que  
 1074 ele dizia? ... eu tenho um uma coisa pra te dizer  
 1075 Marina: aham  
 1076 Luísa: eu vou subir um pouco até: a serra  
 1077 Marina: aham  
 1078 Luísa: quem quer ir comigo? no:ssa senhora  
 1079 Marina: sim: daí todo mundo ia junto  
 1080 Luísa: é e com visi:ta às vez  
 1081 Marina: aham  
 1082 Luísa: que no caso que nem tu aqui:  
 1083 Marina: sim:  
 1084 Luísa: aí tu já ia e bah: ah vamo lá não sei o que  
 1085 Marina: sim: mas acha que é uma visita pertinho quando vê  
 1086 tá viajando  
 1087 Luísa: aham  
 1088 Marina: coisa boa  
 1089 Luísa: mu:ito muito  
 1090 Marina: que legal

Fonte: Dados da pesquisa.

Nas linhas 1068 e 1069, Luísa avalia a narrativa do falecimento do marido. O comentário de Marina, na linha seguinte, reflete uma afiliação ao sentimento da participante, buscando uma aproximação com ela. Na linha 1071, Luísa inicia sua fala com a conjunção coordenativa explicativa “porque”, indicando que começará uma explicação para o fato de ela sentir tanta falta do marido. Essa explicação, por sua vez, se dá por meio de uma segunda narrativa menor, encaixada à primeira a partir da linha 1073, em que Luísa, novamente lançando mão do recurso do diálogo construído, reporta uma fala do marido para “subir um pouco até: a serra”.

Essa narrativa encaixada não é marcada temporalmente por não se tratar de um evento único ocorrido, e sim de algo recorrente. Tal característica pode ser percebida quando a participante diz “é e com visita às vez”, pelo uso da expressão “às vez”. Além disso, o uso do pretérito imperfeito ao longo da narrativa pela participante, como em “como é que ele dizia” e “tu já ia”, também marca essa continuidade.

Nessa história encaixada, Luísa posiciona seu marido como protagonista, no sentido de ser ele quem toma a iniciativa de “subir a serra”. A participante, por sua vez, assume uma posição mais passiva no nível 1 de posicionamento (Bamberg, 1997), apenas acompanhando seu marido nos passeios inesperados. Quanto ao nível 2 de posicionamento, as interagentes seguem com Luísa, colocando-se como a principal narradora ativa e construindo a identidade de uma esposa dedicada, que sente falta de seu marido. Marina segue com um papel colaborativo e demonstra atenção à narrativa.

Excerto 14 – “Pra ele nada era difícil”



1091 Luísa: pra ele nada era difícil  
 1092 Marina: sim:  
 1093 Luísa: sabe ele: sempre achava  
 1094 Marina: dava um jeito  
 1095 Luísa: dava um jeito  
 1096 Marina: ah legal mas tem que continuar assim né  
 1097 Luísa: é:  
 1098 Marina: tem que: levar isso pra pra vida né  
 1099 Luísa: é isso sim ... mas eu fico pensando a velhice vai:  
 1100 vai pegando a gente também né  
 1101 Marina: sim: °com certeza°  
 1102 Luísa: meu Deus será que eu vou ficar assim sozinha sem  
 1103 ninguém  
 1104 Marina: sim mas que bom que a senhora [tem bastante filho]  
 1105 Luísa: [como eu saí bem né]  
 1106 eu tô com quatro filho  
 1107 Marina: aham  
 1108 Luísa: tô com neto tô bem  
 1109 Marina: sim: ... mais o cachorro junto ali  
 1110 Luísa: sim:  
 1111 Marina: companhia sempre

Fonte: Dados da pesquisa.

Nesse último excerto, há a conclusão da narrativa maior sobre o tópico do falecimento do marido. Inicialmente, a participante avalia de modo geral como ele era, nas linhas 1091 e 1093. Nessa última, ao deixar sua fala em aberto, no sentido de não apresentar um complemento para o verbo, quanto diz “sabe ele: sempre achava”, a pesquisadora percebe uma dificuldade no acesso lexical. Assim, Marina sugere “dava um jeito”, na linha 1094. Sua sugestão é aceita por Luísa, quando repete essa fala no turno seguinte.

Na sequência, as falas de Marina correspondem a sugestões para manter uma atitude positiva, marcadas pelo uso do verbo “ter” no modo imperativo, em “tem que continuar assim né”, na linha 1096, e “tem que: levar isso pra pra vida né”, na linha 1098. Inicialmente, Luísa adere a esse discurso, dizendo “é isso sim”, na linha 1099. Entretanto, nesse mesmo turno de fala, ela se contrapõe à posição otimista de Marina, quando diz “mas eu fico pensando a velhice vai: vai pegando a gente também né”. Interessante notar a construção verbal “vai pegando”, que remete a uma ideia de processo contínuo.

Ressaltamos também que, novamente, Luísa faz uso do diálogo construído. Dessa vez, porém, lança mão do diálogo como discurso interno que, segundo a definição de Tannen (2007), corresponde ao uso do diálogo construído para reportar pensamentos internos. No seu turno de fala seguinte, a participante segue utilizando

esse recurso quando diz “meu Deus será que eu vou ficar sozinha sem ninguém”, nas linhas 1102 e 1103.

Marina segue contrapondo a visão pessimista de Luísa, como podemos perceber pelo uso da conjunção adversativa “mas”, na linha 1104. Dessa vez, porém, Luísa adere a esse posicionamento, como percebemos quando fala “como eu saí bem né eu tô com quatro filho”, nas linhas 1105 e 1106.

Chegamos, por fim, à análise do terceiro nível de posicionamento discursivo de Bamberg (1997). Nesse, como explicamos anteriormente, o pesquisador deve voltar seu olhar para os discursos que aparecem na narrativa e analisar se há aderência a eles, ou se são refutados.

Embora não haja referência explícita a discursos, a construção do posicionamento de Luísa na narrativa, como uma esposa dedicada ao casamento e receosa de ficar sozinha em decorrência do falecimento de seu marido, indica a presença implícita do discurso do papel da mulher na família. Nessa perspectiva, a função maior da mulher é cuidar de seu matrimônio e dos filhos. Logo, quando o casamento chega ao fim em decorrência do falecimento do homem, ela perde sua função principal.

Outro discurso que emerge na narrativa é a visão sobre o que seria sucesso para uma mulher casada, quando Luísa diz “como eu saí bem né eu tô com quatro filho”, nas linhas 1105 e 1106. Ou seja, “se sair bem” corresponde a ter filhos. Participante e pesquisadora aderem a esses discursos e mantêm um posicionamento moral constante ao longo da interação.

Lançando mão de recursos linguísticos como o uso do diálogo construído e do andamento de sua interlocutora, Luísa conseguiu contornar as dificuldades causadas pela DA e construir sua narrativa encaixada à interação que reflete discursos recorrentes na sociedade: o papel da mulher no cuidado de seu marido no casamento e a visão de sucesso feminino baseado na fertilidade.

### 6.3 “A XÍCARA TAMBÉM TINHA QUE SER MARCADO”: VERA E A SEGREGAÇÃO SOCIAL

Nesta seção, analisamos o dado gerado no dia 31 de maio de 2022, correspondendo à segunda visita da pesquisadora à participante e a primeira que foi de fato gravada. Por ter sido um dia com temperaturas baixas, os cuidadores da casa

de repouso pediram que conduzíssemos a entrevista na sala de convivência, em que os idosos podem assistir à televisão e conversar entre si. Dessa forma, ainda que somente tenham participado da interação Vera e Marina, como havia outras pessoas ao redor, optamos por fazer o registro somente em áudio, a fim de preservar a imagem dos não envolvidos na pesquisa. Nesse dia, Vera estava muito bem disposta e interessada na presença da pesquisadora. A interação, mesmo com barulhos e interferências externas, durou 52 minutos de gravação.

Inicialmente, o tópico que regeu a interação foi a família da participante, mais especificamente, suas filhas e o divórcio conturbado. Durante esse primeiro momento, porém, Vera sofreu lapsos de atenção, que foram contornados pela pesquisadora com perguntas que instigassem a interação. A partir de uma dessas perguntas, sobre a rotina da participante na casa de repouso, foi feito o recorte do dado apresentado a seguir.

#### Excerto 15 – "Olha por enquanto tô só comendo"

1090 Marina: que que tu tem que fazer assim todo dia? tuas  
 1091 obrigação?  
 1092 Vera: o:lha por enquanto tô só comendo  
 1093 Marina: só comendo  
 1094 Vera: Uhum  
 1095 Marina: ô coisa boa ... come:ndo olhando tevê:  
 1096 Vera: é:  
 1097 Marina: descansan:do  
 1098 Vera: Uhum  
 1099 Marina: tem que ser né também não dá pra todo dia né  
 1100 ...  
 1101 Vera: é

Fonte: Dados da pesquisa.

Marina inicia o tópico sobre os afazeres de Vera, perguntando o que ela precisa fazer todo dia e, nesse mesmo turno de fala, ela assim diz: “tem que fazer assim todo dia” como “tuas obrigação”, nas linhas 1090 e 1091. Vera faz uma brincadeira, dizendo “o:lha por enquanto tô só comendo”, na linha 1092, que deixa implícito que ela não tem afazeres em sua rotina. Marina, no turno de fala seguinte, repete “só comendo”, de forma a demonstrar que compreendeu o humor manifestado por Vera, que, por sua vez, concorda na linha 1094.

Na sequência, Marina faz uma avaliação, em que ela diz “ô coisa boa ... come:ndo olhando tevê:”. A participante concorda com a fala da pesquisadora no turno de fala seguinte. Marina, então, conclui a conversa, ao dizer “descansando”, na linha 1097, e sua proposição, na sequência, é novamente aceita por Vera. Na linha 1099, Marina justifica a importância de se descansar em “tem que ser né também não dá pra todo dia né”. Podemos perceber que, ao usar o termo “né” duas vezes no mesmo turno de fala, a pesquisadora busca a confirmação da participante, que vem, após uma breve pausa, na linha 1101.

No primeiro excerto, não temos ainda a narrativa em si, apenas uma prévia da interação de que ela emergiu. A justificativa da importância de Vera descansar segue no próximo excerto.

#### Excerto 16 – "Trabalhava de faxina"

1102 Marina: e se a senhora já trabalhou muito né  
 1103 Vera: eu já trabalhei demais trabalhava de: faxina  
 1104 Marina: e como é que era assim nas casa? te tratavam bem ou  
 1105 [não]  
 1106 Vera: [sim] tinha uma: algumas tratavam bem  
 1107 Marina: aham  
 1108 Vera: uma ou outra que tratava mal  
 1109 Marina: tratava mal assim ... tipo o que que aconteceu  
 1110 assim de ruim  
 1111 ...  
 1112 Vera: quando eu trabalhava?  
 1113 Marina: é  
 1114 ...

Fonte: Dados da pesquisa.

Na linha 1102, como anteriormente dissemos, Marina segue justificando que, naquele dia, Vera pode descansar, ao dizer “e se a senhora já trabalhou muito né”. Além de usar novamente o “né”, a fim de obter a confirmação da participante, a pesquisadora utiliza o verbo “trabalhou”, no passado, iniciando um contraponto entre a Vera de “antes” e a de “agora”. A participante, então, começa a narrar que trabalhou como faxineira, na linha 1103. Ela enfatiza o advérbio de intensidade “demais” e reforça a ideia de justificar seu descanso atualmente, seguindo o tópico levantado por Marina.

A dimensão do encaixe da narrativa, conforme a proposta de Ochs e Capps (2001), evidencia-se nesse trecho. É possível identificar que, pelo fato de toda a história que vem na sequência tratar-se de uma justificativa para que Vera, naquele

momento, pudesse descansar, a narrativa é do tipo encaixada. Esse alto encaixe também contribui para o aumento da historiabilidade, pois, como veremos adiante, embora não se trate da narração de um evento específico, o fato de ser uma justificativa torna o evento relevante para ser narrado no contexto de que emerge.

Ao saber da profissão da participante, a pesquisadora pergunta sobre como era o tratamento recebido por Vera nas casas em que trabalhou, de forma a instigar que a história siga sendo contada. Como a participante diz que, embora algumas patroas a tenham tratado bem, ela não fora bem recebida em algumas casas, mais uma vez Marina faz uma pergunta “tipo o que que aconteceu assim de ruim”, nas linhas 1109 e 1110, para motivar a narrativa. Há, porém, uma pausa seguida de uma pergunta de Vera, que aparenta não ter compreendido o questionamento de Marina. A sequência, após a confirmação da pesquisadora de que se tratava de uma pergunta sobre o trabalho da participante, se dá no excerto a seguir.

#### Excerto 17 – “A xícara também tinha que ser marcado”

1115 Vera: a: ... ela::  
 1116 Marina: é dona da casa?  
 1117 Vera: é (SI) ... [(SI)]  
 1118 Marina: [a dona] da casa não era legal daí  
 1119 Vera: não não era o copo que eu tomava água  
 1120 Marina: uhum  
 1121 Vera: tinha que ser marcado  
 1123 Marina: no:ssa  
 1124 Vera: [a] xícara (também) tinha que ser marcado  
 1125 Marina: não podia ser o mesmo das pessoas da casa?  
 1126 Vera: nã:o  
 1127 Marina: que abusu:rdo né que horror  
 1128 Vera: [mas eu não] dava bola pra eles tu  
 1129 sabia?  
 1130 Marina: é só ia lá fazia teu serviço  
 1131 ...

Fonte: Dados da pesquisa.

Na linha 1115, Vera volta a narrar a história. Os alongamentos de fala em “a:” e em “ela::” e a pequena pausa indicam dificuldade no acesso lexical. No turno de fala seguinte, Marina, em um tom de sugestão marcado pela interrogação, propõe que o termo seja “a dona da casa”. Vera aceita a inserção da interlocutora, porém não é possível compreender o que fala. Marina sumariza o que é dito com “a dona da casa não era legal daí”, na linha 1118.

Neste ponto, adentramos no primeiro nível de posicionamento de Bamberg (1997), referente à construção do universo da narrativa, em que o narrador apresenta os personagens da história e os posiciona nesse contexto. Em colaboração com a inserção de Marina, a participante coloca como personagens da história ela mesma e a dona da casa. Vera se posiciona, no universo da narrativa, como a protagonista que age passivamente diante dos fatos. A outra personagem é descrita pela pesquisadora, na linha 1118, como “a dona da casa não era legal daí”.

Vera, nos dois turnos de fala seguintes, chega ao momento da ação complicadora da narrativa, em que conta que o copo em que tomava água precisava ser marcado. Diante disso, Marina, na linha 1123, faz sua avaliação a respeito do que foi contado, dizendo “no:ssa”, demonstrando espanto. A participante segue, na linha 1124, dizendo “a xícara (também) tinha que ser marcado”. A pesquisadora, no turno de fala seguinte, pergunta “não podia ser o mesmo das pessoas da casa?”, demonstrando que busca compreender a situação contada. A resposta de Vera, na linha 1126, marcada pelo alongamento de fala em “nã: o”, indica o quão séria era a proibição.

Marina, no turno de fala seguinte, mais uma vez, avalia negativamente a situação. O uso dos adjetivos “absurdo” e “horror”, na linha 1127, com os quais caracteriza a narrativa de Vera, fazem perceber o quanto a pesquisadora é contrária à atitude descrita pela participante. Também nesse turno de fala, a pesquisadora usa o “né” como forma de obter a confirmação da participante. Esta, por sua vez, quebra a expectativa, dizendo, na linha 1128, “mas eu não dava bola”. Ela usa essa metáfora para representar que não se importava com a situação e, na sequência, usa o verbo “sabia” como forma de obter a aprovação da pesquisadora, que, por sua vez, conclui, dizendo “é só ia lá e fazia o teu serviço”.

No segundo nível de posicionamento, Bamberg (1997) sugere que o foco da análise esteja nas relações estabelecidas entre os participantes da interação. Há uma relação colaborativa entre a participante e a pesquisadora, que, em diversos momentos, dá andamento à fala de Vera. A participante aceita as inserções, o que contribui para a construção da história.

Quando a pesquisadora faz essas intervenções na narrativa da participante, dando andamento aos momentos em que ela tem dificuldade no acesso lexical, podemos perceber a dimensão da narração conforme Ochs e Capps (2001). A

narrativa se enquadra no que as autoras caracterizam como múltiplos coautores, que, conjuntamente, vão construindo a história.

Porém, na avaliação da narrativa, entre as linhas 1127 e 1129, a atitude colaborativa não ocorre. As interagentes têm reações bem diferentes, criando um embate discursivo entre ambas. Marina avalia negativamente a narrativa, ao usar adjetivos como “absurdo” e “horror”, enquanto Vera posiciona-se mais passivamente, ao utilizar a metáfora “não dar bola” para a situação.

Nesse ponto da análise, adentramos na dimensão do posicionamento moral (Ochs; Capps, 2001) da participante, que dialoga com o nível 3 de posicionamento discursivo (Bamberg, 1997). Quando Vera diz que o copo e a xícara que usava nessa casa tinham de ser marcados, sua fala aponta para um discurso de segregação, muito recorrente em nossa sociedade fundada no colonialismo, em que a hierarquia entre patrões e empregados segrega os trabalhadores, colocando-os em uma posição de tanta inferioridade, que os proíbe de usar os mesmos utensílios que os moradores das casas em que trabalham.

A participante, ao usar esse ocorrido como exemplo de uma situação ruim que aconteceu durante o tempo em que trabalhou como empregada doméstica, demonstra compreender que esse discurso é errado. Embora discordasse, ela aderiu a ele, o que reforça ainda mais seu posicionamento na narrativa como passivo diante dos eventos descritos e das situações a que teve de se submeter por necessitar do emprego.

Após o excerto final, há uma longa pausa na interação, e a conversa é retomada com Marina perguntando sobre as tarefas realizadas por Vera em seu trabalho como empregada doméstica. A narrativa como um todo não apresenta uma linearidade muito marcada, especialmente por não se tratar de um evento único contado, mas de uma situação recorrente durante um período indeterminado, quando Vera trabalhou naquela casa. Apesar dessa aparente desestruturação inicial, há traços de elementos mais canônicos na narrativa, como explicamos anteriormente ao destacarmos a presença do ponto de virada, nas linhas 1119 e 1121.

Dessa forma, Vera conseguiu contornar as dificuldades causadas pela DA e construir sua narrativa. Embora não esteja nos padrões de uma narrativa canônica, reflete discursos recorrentes na sociedade, no que diz respeito à segregação social. Além disso, ela foi capaz de construir discursivamente sua identidade como mulher que, apesar das dificuldades, continuou trabalhando.

No quadro a seguir, apresentamos uma síntese das análises feitas quanto às dimensões da narrativa (conforme Ochs e Capps, 2001), os principais discursos e tópicos das interações.

Quadro 4 – Síntese das análises

	Rúbia	Luísa	Vera
Principal tópico da interação	Trajatória de vida sem acesso formal ao conhecimento	Falecimento do marido	Trabalho como empregada doméstica
Dimensão da narração	Uma narradora ativa	Uma narradora ativa	Múltiplos coautores
Dimensão da historiabilidade	Baixa	Alta	Mediana
Dimensão do encaixe	Encaixada	Encaixada	Encaixada
Linearidade	Ordem causal e temporal aberta e quebrada por uma segunda narrativa	Ordem causal e temporal fechada	Ordem causal e temporal aberta
Postura moral	Determinada e constante	Determinada e fluida	Passiva e constante
Discursos que emergem	Meritocracia, estudo como forma de ascensão social, preconceito linguístico e papel materno	Papel da mulher no casamento e sucesso feminino	Segregação social

Fonte: Elaboração nossa.

Podemos perceber, com essa sistematização, que a narrativa de cada participante teve características próprias, de acordo com as dimensões propostas por Ochs e Capps (2001). No entanto, apesar dessas diferenças, fica evidente que todas foram capazes de se manter ativas nas interações, das quais emergiram discursos recorrentes na sociedade em que estão inseridas. Diante desses discursos, elas se posicionaram moralmente, o que contribuiu de forma direta para sua construção identitária.



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A DA é uma patologia neurodegenerativa sem causas específicas identificadas e ainda sem cura (McDade; Bateman, 2017). Com o envelhecimento populacional, os diagnósticos dessa e de outras demências crescem exponencialmente. Os impactos da doença vão desde o nível micro, em relação às adaptações a serem feitas pelas famílias dos acometidos, até o nível macro, em aspectos como a organização dos países para atenderem às necessidades dessa fatia da população (Alzheimer's Disease International, 2015).

As pesquisas sobre essa doença neurodegenerativa têm aumentado em diferentes áreas do conhecimento. Além disso, o tema tem sido tratado com maior frequência na mídia, de maneira geral. Entretanto, muitas vezes, a patologia é vista de maneira homogênea e limitadora, apagando as particularidades de cada indivíduo acometido (Souza; Monteiro; Gonçalves, 2022).

Por vezes, os estudos acabam deixando de lado fatores importantes, como o gênero dos pacientes. Essa posição é contraditória quando levamos em consideração a discrepância já comprovada entre o número de diagnósticos entre homens e mulheres. Assim, ainda que essa diferença não tenha uma explicação definida, ela existe e precisa ser destacada. Ao fazê-lo, seria possível não apenas desenvolver tratamentos mais eficazes, que levassem em conta as diferenças entre os gêneros, como também desmistificar a visão de que a DA manifesta-se da mesma maneira em todos os indivíduos, apagando suas identidades (Subramaniapillai *et al.*, 2021).

Diante desse cenário, e buscando desenvolver um estudo que enfoque a potencialidade das narrativas de mulheres acometidas pela DA, e não as limitações causadas pela doença, esta pesquisa objetivou compreender como ocorre a construção de identidades em narrativas de mulheres com a DA na interação. A fim de avaliar o desempenho da pesquisa, retomamos, a seguir, seus objetivos específicos.

Sobre o primeiro, *analisar como são construídas as narrativas de mulheres com a DA*, identificamos diferentes construções que permearam as dimensões propostas por Ochs e Capps (2001). Houve narrativas com um narrador ativo e uma linearidade mais marcada até aquelas com múltiplos coautores e sem linearidade marcada. Ficou claro que essa abordagem possibilitou a análise das narrativas que, pelo viés laboviano, seriam desconsideradas.

A narrativa de Rúbia sobre sua trajetória de vida caracterizou-se pelo papel que a participante assumiu, de principal narradora ativa, embora houvesse momentos de andamento por parte das demais participantes da interação. O encaixe da narrativa na interação, inicialmente, não fica claro por conta da organização frasal da introdução. Depois, compreendemos que se trata de uma narrativa que justifica o fato de a participante não ter tido acesso aos estudos formais. A linearidade é quebrada pela inserção de uma segunda história a respeito da cunhada de Rúbia que, diferente dela, não buscou o acesso ao conhecimento. A historiabilidade não é alta, principalmente por não se tratar de um evento único específico que foi narrado e, logo, não haver pontos de virada na narrativa. A postura moral mostrou-se bem determinada e constante diante de discursos recorrentes na sociedade, como a importância de se estudar para “ser alguém na vida”, o preconceito linguístico e a responsabilidade materna em garantir que os filhos estudem.

A narrativa de Luísa, por sua vez, abordou um evento específico: o falecimento de seu marido. Também se estruturou pela perspectiva do narrador ativo, ainda que houvesse momentos de andamento por parte da pesquisadora. O encaixe foi alto, e, embora a interação fosse sobre a casa da participante, ela conseguiu ligar os dois tópicos, iniciando sua narrativa com o fato de seu esposo não ter visto a reforma da residência pronta. Há uma linearidade bem marcada temporalmente, apesar de, já na avaliação da narrativa, Luísa ter inserido uma segunda narrativa menor para ilustrar como era sua relação com o marido. A historiabilidade é alta, especialmente por se tratar de um evento único e muito marcante em sua vida, além de haver diferentes pontos de virada ao longo da narrativa. O discurso do papel da mulher, de cuidar do casamento, ainda que não apareça explicitamente, é marcado, e, diante dele, a participante se posiciona moralmente em aderência. Sua narrativa também reforça a ideia de que sucesso, para uma mulher, é casar-se e ter filhos.

Por fim, apresentamos a narrativa de Vera sobre seu trabalho como empregada doméstica. Nessa interação, a estrutura pendeu mais para a participante e a pesquisadora como coautoras, construindo conjuntamente a narrativa. O encaixe foi alto, por se tratar de uma resposta à pergunta de Marina sobre situações marcantes no trabalho de Vera. Essa dimensão contribuiu para o aumento da historiabilidade da narrativa. A linearidade é baixa, uma vez que a narrativa não trata de um evento específico, mas de uma situação recorrente, em que uma das patroas de Vera não permitia que ela usasse os mesmos utensílios que os moradores da casa.

Quanto ao segundo objetivo, *analisar que recursos linguísticos são mobilizados por essas mulheres para se manterem ativas nas interações, apesar das dificuldades causadas pela doença*, identificamos que as três participantes mobilizaram diferentes estratégias, como diálogo construído, paráfrases e encaixe de segundas histórias. Além disso, houve momentos em que, por dificuldades no acesso lexical ou por lapsos de memória por parte das participantes, a pesquisadora atuou por meio do andamento dado às falas, possibilitando que a interação seguisse e que o sentido fosse coconstruído nas interações.

Por fim, em relação ao terceiro objetivo, *identificar de que forma a dimensão da postura moral em relação a discursos recorrentes na sociedade, que emergem nas narrativas, contribui para a construção de suas identidades na interação*, percebemos que as falas das participantes estão permeadas por discursos como papel materno, preconceito linguístico, casamento, sucesso feminino, velhice e segregação social.

Ainda que enfrentem dificuldades causadas pela DA, suas narrativas demonstram que, diferente do estereótipo disseminado sobre a DA, de que as pessoas acometidas ficam imersas em si e distantes da sociedade a que pertencem, os discursos recorrentes também marcam suas falas. Além de fazerem referência a esses discursos, as participantes foram capazes de, em suas falas, posicionarem-se, aderindo a esses discursos ou refutando-os.

Rúbia posicionou-se como uma mulher forte, que, mesmo sem acesso ao estudo formal, valorizou o conhecimento e agiu corretamente (segundo o que acredita ser o papel correto), enquanto mãe, de fazer com que seus filhos tivessem formação. A construção dessa identidade, portanto, mostrou-se ligada aos discursos que emergem da narrativa.

Assim como a participante anterior, o posicionamento discursivo de Luísa, como uma esposa que zelou por seu marido, dedicou-se ao casamento e à criação dos filhos, liga-se diretamente aos discursos que emergiram da interação. Inclusive, quando reflete sobre sua própria velhice, a participante reproduz o discurso de que a mulher, depois de criar os filhos e perder o marido, torna-se sozinha, privada de sua função principal. Mais uma vez, fica claro o quanto as narrativas dessas mulheres estão em consonância com discursos recorrentes na sociedade e como esses discursos contribuem para a construção identitária dessas mulheres na interação.

Na narrativa de Vera, emerge o discurso da segregação social entre empregados e patrões, herança do colonialismo que ainda marca nossa sociedade.

Apesar de reconhecer o quanto esse discurso é ruim, Vera se posiciona passivamente, contribuindo para a construção de sua identidade como uma mulher que enfrentou muitas dificuldades, mas que, por necessidade, aceitou as condições impostas.

É possível observar que sua participação na interação é valorizada. A pessoa com DA consegue, mesmo diante das dificuldades que a patologia causa, construir sua narrativa e expressar seus valores, atuando ativamente em embates discursivos. Como explicam Karlsson *et al.* (2014), contar histórias sobre suas vidas permite às pessoas acometidas pela DA construir sentido sobre si mesmas e sobre o mundo em que vivem.

Mais especificamente, ao voltarmos nosso olhar para as narrativas de mulheres, tão diferentes, mas com tanto em comum por conta da DA, podemos valorizar suas identidades e histórias de vida. Ao analisarmos cada uma das narrativas das participantes, percebemos, na prática, o quanto são diferentes as vivências que cada uma tem da DA e como, embora com as dificuldades causadas pela doença, discursos recorrentes na sociedade se fazem presentes em suas falas, demonstrando seu pertencimento à sociedade.

Como limitações desta pesquisa, podemos citar a dificuldade em conseguir participantes para o estudo e seguir com as visitas. Como a DA tem um desenvolvimento que varia de pessoa para pessoa, precisamos, como pesquisadores, respeitar os limites de cada participante. Ocorreram, por exemplo, casos em que a doença se agravou muito rapidamente e que a família optou por parar com as visitas até que o quadro se estabilizasse para não gerar estresse para a familiar.

Como futuras possibilidades de pesquisa, acreditamos que seja possível investigar como essa construção de identidades se dá em participantes do gênero masculino, no intuito de estabelecer comparativos. Além disso, outra possibilidade seria a de participantes acometidas por outras doenças neurodegenerativas, a fim de investigar se elas também conseguem manter-se ativas na interação e construir suas identidades em relação a discursos recorrentes na sociedade.

As análises demonstraram que, diferente do que muito se diz sobre pessoas acometidas pela DA estarem à parte da sociedade, suas narrativas são marcadas por discursos e demonstram que valores circundantes contribuem diretamente na construção de suas identidades. As histórias dessas mulheres dizem muito sobre o mundo em que vivemos e sobre como vemos o papel feminino, de cuidar de suas

famílias. Mesmo com realidades diferentes, e vivenciando cada qual a DA de maneira particular, ao escutarmos suas narrativas e darmos espaço para que interajam, possibilitamos a valorização de suas vivências e a reflexão acerca do que é ser mulher.

Acreditamos que, quando as pesquisas se voltam às capacidades, mais do que os déficits causados pela DA, novas possibilidades de investigação surgem. A Linguística Aplicada, enquanto área que busca investigar problemas reais da sociedade, mostrou-se um terreno fértil para o desenvolvimento deste estudo. Esperamos que, cada vez mais, essa área estabeleça alicerces em espaços até então dominados por outros campos do conhecimento, possibilitando uma visão que enfatiza a interação e a coconstrução de sentidos no mundo.

## REFERÊNCIAS

- ALZHEIMER'S ASSOCIATION REPORT. 2018 Alzheimer's disease facts and figures. **Alzheimer's & Dementia**, Chicago, v. 14, p. 367-429, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jalz.2018.02.001>. Acesso em: 25 set. 2022.
- ALZHEIMER'S DISEASE INTERNATIONAL. **World Alzheimer Report 2015: The Global Impact of Dementia**. Londres: AID, 2015. *E-book*. Disponível em: <https://www.alzint.org/u/WorldAlzheimerReport2015.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2023.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ALZHEIMER (ABRAZ). **Dicas para cuidadores de pacientes com Alzheimer**. [S. l.: s. n.], 2017.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2014.
- BAMBERG, Michael; GEORGAKOPOULOU, Alexandra. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. **Text and Talk**, v. 28, n. 2, p. 377-396, 2008.
- BAMBERG, Michael. Positioning between structure and performance. **Journal of Narrative and Life History**, v. 7, n. 1-4, p. 335-342, 1997.
- BAMBERG, Michael. Why narrative? **Narrative Inquiry**, v. 22, n. 1, p. 202-210, 2012.
- BAMBERG, Michael. Who am I? Narration and its contribution to self and identity. **Theory and Psychology**, v. 21, n.1, p. 3-14, 2011.
- BARROS, Alessandra Chiele; LUCATELLI, Juliana Faggion; MALUF, Sharbel Weidner; ANDRADE, Fabiana Michelsen de. Influência genética sobre a doença de Alzheimer de início tardio. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 36, n. 01, p. 16-24, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832009000100003>. Acesso em: 15 mar. 2021.
- BASTOS, Liliana; BIAR, Liana. Análise narrativa e práticas de entendimento da vida social. **Delta**, São Paulo, v. 31, p. 97-126, 2015.
- BASTOS, Liliana; SANTOS, William Soares dos (org.). **A entrevista na pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2013.
- BAUER, Laurie; TRUDGILL, Peter. **Language Myths**. Londres: Penguin, 1998.
- BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles. (1990) Poetics and Performance as Critical Perspectives on Language and Social Life. **Annual Review of Anthropology**, v. 19, p. 59-88, 1990.
- BEARD, Renée L. In their voices: Identity preservation and experiences of Alzheimer's disease. **Journal of Aging Studies**, v. 18, n. 4, p. 415-428, 2004.

BEHAR, Ruth; GORDON, Dan. **Women Writing Culture**. Berkeley: University of California Press, 1995.

BIAR, Liana de Andrade; ORTON, Naomi; BASTOS, Liliana Cabral. A pesquisa brasileira em análise de narrativa em tempos de “pós-verdade”. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 21, n. 2, p. 231-251, maio/ago. 2021.

BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Com todas as mulheres, por todos os seus direitos**. Brasília: SPM, 2010. Disponível em: <https://direito.mppr.mp.br/arquivos/File/ComTodasMulheresPorTodosSeusDireitos.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2023.

BRUNER, Jerome. Live as narrative. **Social Research**, v. 54, n. 1, p. 11-32, 1987.

BRUNER, Jerome. **The culture of education**. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

BUCHOLTZ, Mary; HALL, Kira. Identity in interaction: a sociocultural linguistic approach. **Discourse Studies**, London, v. 7, n. 4-5, p. 585- 614, 2005.

CARRILLO, Maria. Why Does Alzheimer’s Disease Affect More Women Than Men? New Alzheimer’s Association Grant Will Help Researchers Explore That Question. *In*: ALZHEIMER’S Association. Chicago, 11 fev. 2016. Disponível em: [https://www.alz.org/blog/alz/february\\_2016/why\\_does\\_alzheimer\\_s\\_disease\\_affect\\_more\\_women\\_tha](https://www.alz.org/blog/alz/february_2016/why_does_alzheimer_s_disease_affect_more_women_tha). Acesso em: 20 jun. 2022.

CASSALHA, Suzete Teixeira; ORTIZ, Juçara Rech (org.). **Relatos familiares: Vamos falar de Alzheimer e outras demências?** Porto Alegre: Lettere & Parole Editora, 2022.

CHENG, Xungie; YANG, Yang; SCHWEBEL, David C.; LIU, Zuyun; LI, Li; CHENG, Peixia. Population ageing and mortality during 1990-2017: A global decomposition analysis. **PLoS Medicine**, v. 17, n. 6, p. 1-12, 2020.

CRESWELL, John. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CUSTODIO, Katiúscia de Almeida. **As narrativas orais na doença de Alzheimer: Estratégias de Referenciação na integração**. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

DAVIS, Brian; HARRÉ, Ron. Positioning: The social construction of selves. **Journal of the theory social behavior**, v. 20, p. 43-63.

DE FINA, Anna; GEORGAKOPOULOU, Alexandra. **Analyzing Narrative: Discourse and Sociolinguistic Perspectives**. New York: Cambridge University Press, 2012.

DORNELLES, Ana Isabel Eltz. **“Não sou mais quem eu era”**: o diálogo construído na construção da identidade em narrativas de uma pessoa com Doença de

Alzheimer. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português – Inglês) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021.

ELLIOT, Jane. **Using narrative in social research: qualitative and quantitative approaches**. Los Angeles: Sage, 2005.

FLANNERY, Mércia Regina Santana. **Uma introdução à análise linguística da narrativa oral: abordagens e modelos**. Campinas: Pontes Editores, 2015.

FLICK, Uwe. **Designing qualitative research**. Los Angeles: Sage, 2007.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen de; LOPES, Luiz Paulo da Moita. “Sobre feminismo, sobre racismo, sobre xenofobia, sobre tudo”: desequilíbrios narrativos em performances heterossexuais de um aluno migrante branco. **Calidoscópio**, São Leopoldo, v. 15, n. 2, p. 305-316, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2017.152.08/6177>. Acesso em: 27 abr. 2022.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen de; LOPES, Luiz Paulo da Moita. Vivenciando a outridade: escalas, indexicalidade e performances narrativas de universitários migrantes. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 19, n. 1, p. 147-172, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6398201913696>. Acesso em: 27 abr. 2022.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen de. Posicionamentos interacionais em pequenas histórias contadas por um universitário migrante: performances de masculinidade heterossexual. **Fórum linguístico**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 2116-2127, abr./jun. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2017v14n2p2116>. Acesso em: 27 abr. 2022.

GANDRA, Alana. Homem aumenta ida ao médico, mas a mulher ainda cuida mais da saúde. *In*: AGÊNCIA Brasil. Rio de Janeiro, 15 jul. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-07/homem-aumenta-ida-ao-medico-mas-mulher-ainda-cuida-mais-da-saude>. Acesso em: 14 jan. 2023.

GAO, Sujuan; BURNEY, Heather; CALLAHAY, Chris; PURNELL, Christianna; HENDRIE, Hugh. Incidence of dementia and Alzheimer’s disease over time: a meta-analysis. **The American Geriatric Society**, Indianapolis, v. 67, n. 7, p. 1361- 1369, jul. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jgs.16027> . Acesso em: 22 mar. 2023.

GARCEZ, Pedro M. Deixa eu te contar uma coisa: o trabalho sociológico do narrar na conversa cotidiana. *In*: RIBEIRO, Branca Telles; LIMA, Cristina Costa; DANTAS, Maria Tereza Lopes (org.). **Narrativa, identidade e clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB, 2011.

GASPARETTO, Elisandra Villela. **Interpretação de provérbios por sujeitos com Doença de Alzheimer em fase inicial**. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) –



Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

GREY's Anatomy. Criação de Shonda Rhimes. Estados Unidos: ABC, 2005-2021. son., color. Série exibida pela plataforma Star Plus. Acesso em: 23 abr. 2023.

HYDÉN, Lars. **Entangled Narratives: Collaborative Storytelling and the Re-Imagining of Dementia**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

HYDÉN, Lars. How to do things with others: joint activities involving persons with Alzheimer's Disease. *In*: HYDÉN, Lars; LINDEMANN, Hilde; BROCHMEIER, Jens. **Beyond loss: dementia, identity, personhood**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

HYDÉN, Lars. Narrative collaboration and scaffolding in dementia. **Journal of Aging Studies**, v. 25, p. 339-347, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Projeção da População do Brasil e das Unidades da Federação. *In*: IBGE. [s. l., 2023?].

Disponível em:

[https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html?utm\\_source=portal&utm\\_medium=popclock](https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html?utm_source=portal&utm_medium=popclock). Acesso em: 14 jan. 2023.

KARLSSON, Eva; SÄVENSTEDT, Stefan; AXELSSON, Karin; ZIGMARK, Kartin. Stories about life narrated by people with Alzheimer's disease. **Journal of Advanced Nursing**, v. 70, n. 12, p. 2791-2799, 2014. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24766325/>. Acesso em: 7 jun. 2022.

KROEFF, Paulo. **Possibilidades e desafios da pessoa com deficiência: contribuições da Logoterapia e da teoria sistêmica**. Ribeirão Preto: IECVF Editora, 2012.

KÜCHEMANN, Berlindes Astrid. Envelhecimento populacional, cuidado e cidadania: velhos dilemas e novos desafios. **Revista Sociedade e Estado**, v. 27, n. 1, p. 165-180, jan./abr. 2012.

LABOV, William. **Sociolinguistics Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William; WALETZKY, Joshua. Narrative analysis: oral versions of personal experience. *In*: HELM, June (ed.). **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle: University of the Washington Press, 1967.

LEITE, Matheus Soares; LAITANO, Arícia Caliman; RIBEIRO, Cássio de Oliveira; REIS, Gabriel Moares Neves; AZEVEDO, Hugo de Brito; FERREIRA, Jamile Cássia Gonçalves Aniceto; COTTA, Laura Souza; JORDÃO, Letícia Ferreira; SILVA, Luisa Dias e; FERREIRA FILHO, Luiz Flávio; TELES, Maria Luiza da Silva; FERNANES, Mariane Drumond Ferrer; CASTRO, Matheus Andrade de; ALMEIRA, Matheus Coelho de Oliveira; DRUMIND, Matheus Moreira; LAZAROTO, Maria Laura Klein; CALDEIRA, Milene de Lourdes; PÊGO, Nathália Pestana de Freitas; CLAUDINO,

Pedro Emílio Araújo; ANDRADE, Pedro Paulo; LIMA, Pedro Paulo Brandão; SCHMIDT, Rebeca Guimarães; ALMEIDA, Rodrigo Coelho Oliveira. Diagnóstico do paciente com Doença de Alzheimer: uma revisão sistemática de literatura. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, v. 30, n. 1, p. 47-50, 2020.

LI, Junming; HAN, Xiulan; ZHANG, Xiangxue; WANG, Sixian. Spatiotemporal evolution of global population ageing from 1960 to 2017. **BCM Public Health**, v. 19, n. 1, p. 1-12, 30 jan. 2019. Disponível em: <http://dx-doi.ez101.periodicos.capes.gov.br/10.1186/s12889-019-6465-2>. Acesso em: 14 jan. 2023.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

McDADE, Eric; BATEMAN, Randall. Stop Alzheimer's Before it Starts. **Nature**, New York, v. 547, p. 153-155, jul. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/547153a>. Acesso em: 22 mar. 2021.

MENEZES, Mildres Yorraanie Souza. **Cuidado farmacêutico em pacientes com Alzheimer**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Farmácia) – Centro Universitário AGES, Paripiranga, 2022.

MIRA, Caio; CARNIN, Anderson. Histórias sobre o convívio com a doença de Alzheimer: contribuições da noção de referenciação para a análise de narrativas no contexto de interações de um grupo de apoio. **Estudos linguísticos**, v. 59, n. 1, p. 157-174, jan./abr. 2017.

MIRA, Caio. *Como é que a gente diz?: Uma análise das estratégias textual-interativas na narrativa de uma pessoa com Doença de Alzheimer*. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 19, n. 3, p. 419-433, set./dez. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-190304-7818>. Acesso em: 6 maio 2023.

MIRA, Caio; CUSTODIO, Katiúscia. A narrativa como construção identitária de uma pessoa com a Doença de Alzheimer. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 61.3, p. 747-763, set./dez. 2022.

MIRA, Caio; CUSTODIO, Katiúscia. Contribuições da noção de referenciação para análise da narrativa oral no contexto da atrofia cortical posterior. **Revista Investigações**, [online], v. 32, p. 01-23, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.51359/2175-294x.2019.240157>. Acesso em: 14 jun. 2022.

MIRA, Caio; CUSTODIO, Katiúscia. “Isso tudo me traz de novo a vida que eu tinha”: a coconstrução de uma narrativa autobiográfica na Doença de Alzheimer. **Revista Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 29, n. 3, p. 1979-2009, 2021.

MISHLER, Elliot. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In: MOITA LOPES, Luís Paulo; BASTOS, Lílina Cabral (eds.). **Identities: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MISHLER, Elliot. **Research interviewing: context and narrative**. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

MOITA LOPES, Luíz Paulo da. **Oficina de Linguística Aplicada**. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

MOITA LOPES, Luíz Paulo da. Os espaçotempos da narrativa como construto teórico-metodológico na investigação em Linguística Aplicada. **Caderno de Letras**, Pelotas, n. 40, p. 11-33, maio/ago. 2021.

MORATO, Edwiges Maria. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? **Caderno de Letras da UFF**, Niterói, n. 41, p. 93-113, 2010.

MORATO, Edwiges Maria. Referenciação metadiscursiva no contexto das afasias e da Doença de Alzheimer. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 45-54, jan./mar. 2012.

OCHS, Eleanor; CAPPS, Lisa. **Living Narrative: creating lives in everyday storytelling**. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

OCHS, Eleanor. Indexing Gender. *In*: DURANTI, Alessandro; GOODWIN, Charles (ed.). **Rethinking Context: Language as an Interactive Phenomenon**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PARA sempre Alice. Direção: Richard Glatzer e Wash Westmoreland. Produção: Lex Lutzus, James Brown e Pamela Koffler. Estados Unidos: Sony Pictures, 2014. 1 DVD. (101 min.), son., color.

POLKINGHORNE, Donald. **Narrative knowing and the human sciences**. Albany: Suny, 1988.

QUINTANA, Mario. **Antologia poética**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

RADULOVIĆ, Marija; KOSTIĆ, Milan. Does population ageing impact inflation? **Stanovništvo**, v. 59, n. 2, p. 107-122, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.2298/STNV2102107R>. Acesso em: 12 jan. 2023.

ROCHA, Décio; DAHER, Del Carmen. Afinal, como funciona a Linguística Aplicada e o que pode ela se tornar? **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 105-141, 2015.

SABAT, Steven. Dementia beyond pathology: What people diagnosed can teach us about our shared humanity. **Bioethical Inquiry**, v. 16, p. 163-172, 2019. Disponível em: <https://doi.org/1007/s11673-09899-0>. Acesso em: 19 jul. 2022.

SABAT, Steven; NAPOLITANO, Lisa; FATH, Heather. Barriers to the construction of a valuead social identity: A case study of the Alzheimer's disease. **American Journal of Alzheimer's Disease and Other Dementias**, v. 19, n. 3, p. 177-185, maio/jun. 2004.

SILVERSTEIN, Michael. Language and the Culture of Gender: At the Intersection of Structure, Usage, and Ideology. *In*: MERTZ, Elizabeth; PARMENTIER, Richard (ed.). **Semiotic Mediation: Sociocultural and Psychological Perspectives**. Orlando: Academic Press, 1985.

SHKEDI, Asher. **Multiple case narrative**: a qualitative approach to studying multiple populations. Amsterdam: John Bejamins, 2005.

SOMMERS, Margaret R.; GIBSON, Gloria D. Reclaiming the epistemological 'other': narrative and the social construction of identity. *In*: CALHOUN, Craig (org.). **Social theory and the politics of identity**. Oxford: Blackwell, 1994.

SOUZA, Érica Renata; MONTEIRO, Marko; GONÇALVES, Flora Rodrigues. Doença de Alzheimer: reflexões sobre o lugar da diferença na produção neurocientífica. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 1-10, 2022.

SUBRAMANIAPILLAI, Sivaniya; ALMEY, Anne; RAJAH, Natasha; EINSTEIN, Gillian. Sex and gender differences in cognitive and brain reserve: Implications for Alzheimer's disease in women. **Frontiers in Neuroendocrinology**, Amsterdam, v. 60, p. 1-16, nov. 2021.

TANNEN, Deborah. **Talking Voices: Repetition, Dialogue, and Imagery in Conversational Discourse**. New York: Cambridge University Press, 2007.

THIS is us. Criação de Dan Fogelman. Estados Unidos: NBC, 2016-2021. son., color. Série exibida pela plataforma Amazon Prime. Acesso em: 23 abr. 2023.

VISWESWARAN, Kamala. **Fictions of Feminist Ethnography**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

WOOD, David; BRUNER, Jerome; ROSS, Gail. The Role of Tutoring in Problem Solving. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, [S. l.], n. 17, p. 89-100, 1976. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1976.tb00381.x>. Acesso em: 7 maio 2023.



## ANEXO A – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

...	Pausa
:	Fala alongada
—	Ênfase
( )	Sugestão do transcritor
(SI)	Segmento incompreensível
[ ]	Sobreposição de fala
(( ))	Comentário do transcritor
° °	Volume mais baixo
?	Pergunta

Fonte: Adaptado por Mira e Custodio (2019) de Marchuschi (1986).